

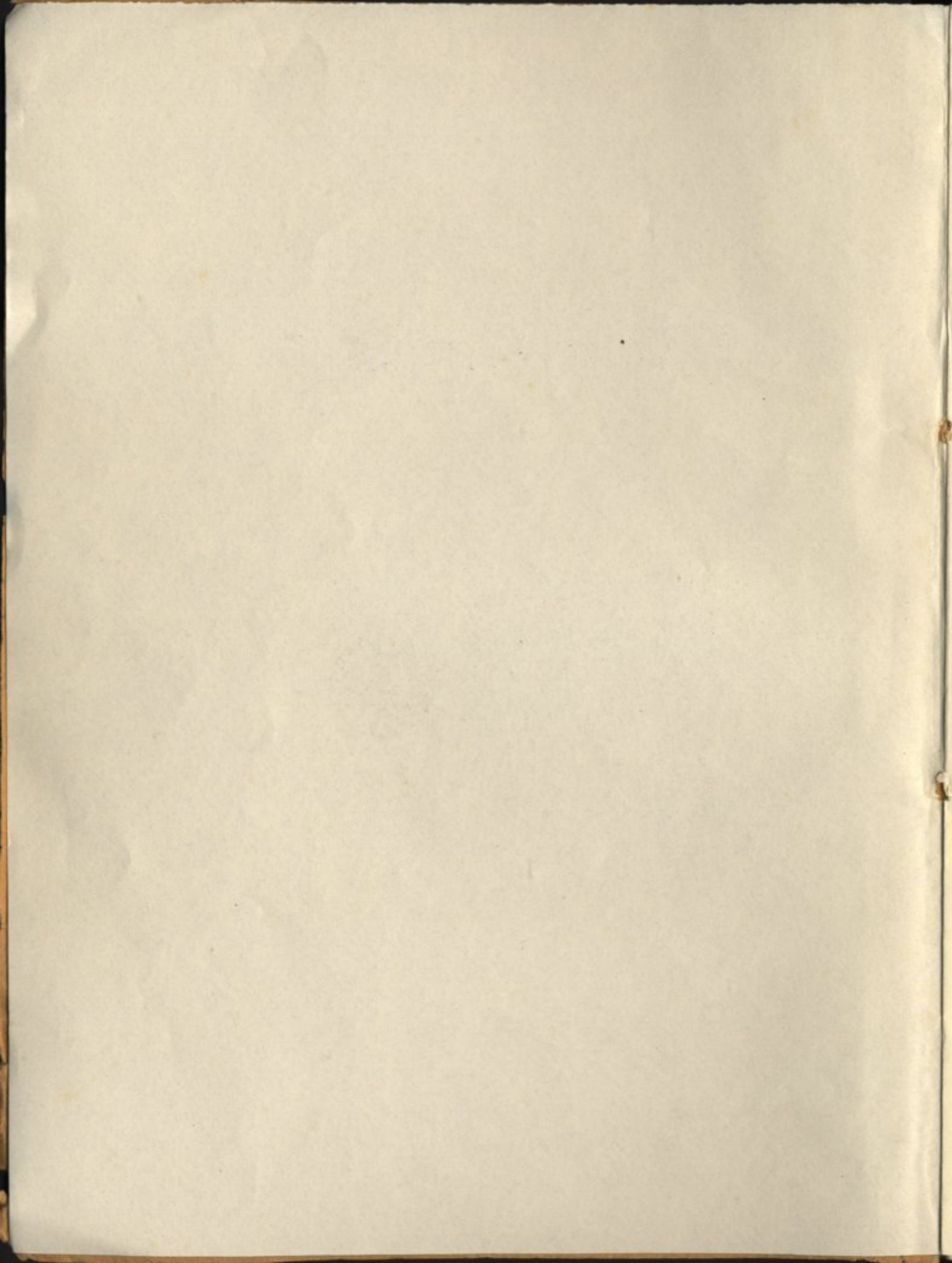
Memorias

Diario do carrer da pausa

Nota



38



Memorias

Diario do correr da pena

Vol. 2



MEMENTO

Baris at corner de France



1879

« Nouvelles recherches sur les
études actuelles, et surtout, sur
1937 = 1943. Rome 1943
... »

Cicero de Senectute, § XXXIII



ΕΠΙΣΤΗΜΟΝΟΝ

ΕΠΙΣΤΗΜΟΝΟΝ = ΕΠΙΣΤΗΜΟΝΟΝ

Ε

1937

« Nonne melius multo fuisset
otiosam aetatem, et quietam, sine
ullo labore aut contentione tradu-
cere? »

Cicero: De Senectute, § XXIII



...
...
...
« ? »

picara: A. benedicti, p. 223



19/abril

— 1937 —

Leiria

Mais: 23

Hoje, juramento de bandeiras.

A mesma coisa de sempre e o mesmo em toda a parte.

O prior é que, como comandante militar, tive de andar todo o dia numa ronda viva: ouvi cinco discursos; passei revista aos dois regimentos e à Legião (!); passaram-me em frente, em continência, os mesmos dois regimentos e a Legião; recebi grande numero de continências, etc. etc.; e terminou a festança por um "copo de agua" oferecido pelos artilheiros, sempre emancéis comigo.

Mas o que aqui merece maior referencia é o seguinte episodio: nas provas finais do meu regimento, o cabo instructor dos telegrafistas em heliografo, passou um despacho; o despacho foi recebido sem

erros e apresentaram - me com ares de triunfo. Era o seguinte:

« Saudemos o Exército Português /
E Salazar que nossa Patria fez. »

Leitura, entretentiva! ... Guardei o papel porque o caso não é para me nos. E aqui fica a leitura do episódio, como boa curiosidade.

Ora se os cabos são assim — o que não serão os generais? ...

No final do volume fica guardada a notícia recortada de um periodico local, relativa á cerimonia. ⁽¹⁾

Leiria.

Mais: 27.

Hoje tenho ouvido todo o dia, na rua perto de m.^a casa, a passagem de canticos religiosos.

Trata-se de grande manifestação reacionaria que sepeia por essas ruas; é dia de Corpus Christi e, pelo que oigo, ha festa rija. Tenho a impressão de que a trilha é infundavel, pois ha perto de duas

⁽¹⁾ A pag. 401.

horas a oíço cantar, com flarmónicas de
jermeio e cantochão á mistura.

Dizem q. no jardim municipal, em
frente á casa do bispo, ha beucão não sei
se urbi et orbe; enfim, o triunfo de Tris-
to-Rei e de toda essa padraçada que anda
de rato alçado, imaginando, talvez com
razão, que joga a cartada final.

Como estou recolhido com gripe não
vi nada e tenho jeua. Mas oíço...

Que diferença p. as festas pagãs de Pe-
nafiel que á mesma hora se deuem reali-
zar! O bello Minho alegre, festeiro, pagão,
como me faz saudades!

Toto que oíço é a baixa submissão ao
padre; é a incosciecia, a estupidéz, a
ignorancia. Toto é quasi feudo da Senho-
ra de Fabima e está dito tudo quanto se po-
de dizer.

E não vale a jeua gastar mais cêra
(que neste caso é tinta...) com tão ruins
defuntos.

Lairia.

Mais: 28.

Escrevi hoje ao Laurencço Chaves Al-
meida a respeito de suspeitas ~~contra~~
de más vontades contra o Lampadario na
Batalla e de guerra surda em Coimbra com

tra a obra no Museu Mach.º de Castro do me-
lho António Augusto Gonçalves.

A carta fica copiada, em certos períodos,
no vol.º respectivo, com o n.º 121, a pag. 176.

Leiria,

Maio : 29.

Uma parcela da Legião Parbucuesa local
foi a Lisboa tomar parte na parada mili-
tar ontem realizada. Volta hoje, triunfan-
te, como vencedora não sei de quê.

A Câmara Municipal promove para
logo, á chegada do combuzente, uma recep-
ção festiva e convidada as autoridades, asso-
ciações e povo a comparecer no Largo da Sé
pelas 17 h. e 15 m.

Eu recebi dois courites : como coman-
dante militar e como ^{1.º} do regimento.

A Câmara quer fazer uma « recepção
condigna ... » segundo o courite.

Condigna !... O carinho com que a ^{uma} C.
Câmara trata os heroicos legionarios !

Leiria

Junho : 1.

O Alfredo Ernesto da Cunha respondeu-
-me, num cartão, á me.ª última carta. É
criatura correcta e parece pessoa leal. Não
sei se o juizo que faço é seguro, mas é o

que julgo tanto quanto possível exacto.

A' m.^a carta de 15 de Maio passado diz que o General foi m.^{to} bem impressio-
nado com os exercicios finais do regimen-
to e diz ainda que acerca do caso da read-
missão do sargento que acobrou com inci-
dente desagradavel « nunca mais me ter-
mei a falar {...} suppondo que já esteja es-
quecido. »

E aqui está p.^a que o sujeito desatou as
coices: p.^a depois se esquecer...

Leiria.

Junho: 3

A Casa de Coimbra em Lisboa envi-
ou-me por intermedio do actual presid.^{te}
da direcção que é um capitão reformado
do quadro do Ultramar Gervasio de Sousa,
para fazer uma conferencia acerca de
Coimbra ou de Miranda do Corvo.

Respondi com extensa carta que vai
no vol.^o respectivo, a pag. 178, com o n.^o 122
de sua ordem.

Outro assunto:

Hoje, o tenente de Engenharia Fogaça,
chefe da 2.^a secção da Direcção das obras mi-
litares da Região mostrou-me a copia de
um requerimento da Corporação Diocesana

de Leiria ao ministro do Interior; fica a copia, adiante, para o que der e vier. Lá estou eu, possivelmente, de novo, á volta com os padres...

Seis o requerimento:

« A S. Ex.ª o Senhor Ministro do Interior. Lisboa. — A Corporação Diocesana em carregada do culto de Leiria, conforme o d. n.º 11:887 de 6 de julho de 1826 meem apresentar a V. algumas respeitadas considerações e formular um pedido á cerca da igreja de Santo Agostinho desta cidade. — As considerações: o R. J. n.º 7 foi, em tempos, aquarte lado nesta cidade no antigo convento de S.º Agostinho, continuando o culto no respectivo templo. Após a revolução de 1810 o regimento apoderou-se do edificio do Seminario que está junto e da igreja do mosteiro q. serve actualmente de refectório para as praças. — A igreja construída para um fim completamente diverso, não tem ar nem luz sufficientes para um refectório onde tantos homens tomam as suas refeições. É anti-higiénico na opinião de todos. — Demais no corpo da igreja estão sepultados cadáveres dos frades do antigo convento e não é decoroso para o Estado oferecer aos soldados um cemitério

7
para tomarem as suas refeições. —
Além disso é claro que, como católicos,
a maior parte recusa refugiar-se em
construir um lugar construído para pres-
tar culto a Deus. — Toda a gente vê que
um tal estado de coisas muito contribui
para a indisciplina e dissolução do cara-
cter do soldado." — Ainda outra razão
oferece á alta consideração de V... — O
mosteiro de S.^{to} Agostinho de Leiria foi fun-
dado pelo grande Bispo desta diocese Fr.
Gaspar do Casal. Este prelado ilustre foi
professor da Universidade de Coimbra, Bis-
po do Funchal, Leiria e Coimbra onde fa-
leceu. Foi parte da pleiade brilhante de
teólogos portugueses q. no Concilio de Tren-
to suprandeceram o nome de Portugal.
— Escritor distinto, as suas obras são
ainda hoje apreciadas nos principais cen-
tros científicos, como se pôde ver na con-
ferencia de um professor de Seminário
de Leiria que junto. — Este bispo, funda-
dor tambem da Sé catedral desta cidade,
quize que os seus restos mortais, transla-
dados de Coimbra, repousassem na igre-
ja do mosteiro que construiu onde ain-

(1) Repare-se no cuidado q. tem o autor pe-
la saúde e caracter do soldado.

da estão. — Ora não é justo meu pa-
triotico que assim se trate a obra e as
ciencias de um tão bom Governante cidadão tão
to mais que o Estado Novo com toda a ra-
zão, muito tem trabalhado para levantar
o espirito nacional da nossa querida pa-
tria e a patria não é apenas o territorio
mas a nossa historia com os seus nomes
ilustres, gloria e exemplo dos vindouros.
— Por ultimo nota que aquella igreja faz
muita falta num bairro que é distante
de qualquer templo onde os fideis possam
cumprir os seus deveres religiosos; e as
despesas com um refitorio nas devidas
condições, são relativamente pequenas. —
O pedido: Fundada nestas razões que,
por certo, não de pesar no espirito de V...
a Corporação diocesana encarregada do
culto, de Leiria, em nome dos catholicos des-
ta cidade, meu pedir a V... ordene que a
igreja de S.^{to} Agostinho volte á posse desta
Corporação afim de nela de novo se exer-
cer o culto. — A bem da Nação. — Leiria,
15 de Dezembro de 1836. — Pelo presiden-
te, o secretario (a) P.^e Sebastião da Costa
Bariteo. »

Vê-se, pela data, que o Estado não
tem muita pressa em arrumar o caso.

Leram quasi meio ano a chegar cá a representação.

O governador civil, já há tempo, me tocou no assunto, por alto, em conversa qualquer. Deveria ser, possivelmente, pouco depois da deliberação da Corporação Diocesana e Leutero - me que respondi que o caso me era indiferente.

E agora ainda outro assunto.

Ontem, a convite do Governador Civil, Mario de Vasconcelos, fui á estação de Albergaria, como commandante militar, aos cumprimentos ao general Carmoza que passava em comboio especial para o norte.

Foram, creio, quatro automoveis carregados de funcionários civis e militares, pressurosos de apresentarem suas homenagens ao supremo magistrado da Nação...

À chegada do comboio, o Governador Civil abriu e disse qualquer coisa; o Carmoza olhou, viu tanta gente e desceu amavelmente.

Ora a primeira pessoa que ele encontrou fui eu. O Governador Civil ia para fazer a apresentação; mas mal ouviu o meu nome, o general exclama

com expressão entre alvoroçada e admirada:

— Oh meu coronel! Há que tempo o não vejo! Então em Leiria?

E voltando-se p.^a os circunstantes sorrindo-se:

— Meu meu antigo discípulo! E que há tanto tempo não via!

Os circunstantes olhavam babados... E o homem a insistir com afabilidade:

— Então deixou a sua Coimbra?

E com mais amabilidade continuou até que o Governador Civil lhe pediu p.^a apresentar o resto dos presentes. Ele foi com as suas maneiras correctas, já muito mecarrizadas pelo habito destas cerimoniaes, correr a roda toda; mas mal acabou a parte protocolar, veio para mim com expressão alegre e perguntou de novo:

— Então como se resignou a deixar a sua Coimbra?

E ficámos em amena conversação até um engenheiro da Camp.^a pedir licença para o comboio partir.

Foi um escandalo!... Perdo de mim dois legionarios olhavam de escauso; o proprio Governador Civil se sentiu posto de lado...

E eu, ao voltarmos para Leiria e ao sentir, nos companheiros de carro, o efeito do incidente tão surpreendente, dizia com os meus botões:

— Ora agora, meus mariotas, digam lá que sou do "reirinho"...

Leiria

Junho: 5.

Escrevi hoje uma longa carta ao coronel Pires Monteiro. Carta extensa q. deixei copiada no vol.^o respectivo ⁽¹⁾ para a memoria e proveito futuro...

Para lá encaminho algum hipotético leitor destes diários.

Coimbra:

Junho: 20.

Fui hoje visitar o meu velho amigo Francisco Gomes. Não o encontrei em casa, mas em compensação topei com o genro, o Vitorino Almeida que me fez entrar para o seu escritório e manteve, comigo, larga conversa de quasi duas horas.

E pode dizer-se que, da conversa, saiu uma confissão geral...

⁽¹⁾ N.^o 123, a pag. 180.

tem, e' claro, fui ouvindo e registrei. E aqui fica.

O Nemésio tem estado em Bruxelas, depois de dois annos em Montpellier; vem por consequencia e justamente, com o arrejamento que é natural em quem por lá anda e sabe ver. Ao voltar á terra, veio encontrar esta pequenez lusitana, com todas as mesquinhas questunculadas de igrejas literarias e pedantismos cathedra-ticos, sem contar com a actual feição politica impeditiva p.^a cerebros de certo alcance. E' pois logico que se senta irritado, tanto mais que andam, segundo diz, a jogar com o seu concurso p.^a a Facult.^e de Letras de maneira exquirita e, por vezes, jesuitica.

E assim, a conversa, muito á vontade, foi caindo em desabato; e do desabato fo á confissão franca, sem rebucos — pois que, falando deante de mim, disse elle, sabia que falava com segurança e era comprehendido. O que se dizendo, não o diria a duas ou tres pessoas mais.

O Nemésio, mesmo nos seus primeiros tempos de estudante, e principian-te nas Lettras, não se conformava muito com a subaltermidade a que era, naturalmente obrigado; de baixo da modestia

que aparentava, sentia-se que o rapaz tentava tocar as asas para vós maiores. Deu, porém, sempre manter attitude concertada e cautelosa se bem que, na intimidade, se confiasse as faltas facilmente.

Agora, porém, ao sentir-se preterido para a Faculdade, já tivesse feito e com certos triunfos lá fora, é natural que surja o azedume, como aliás é de raro. E desse azedume saíram apreciações e comentários, já evadidos de certa vaidade ferida, tudo em conjunto que me não admirou (porque o conheço) mas que nunca imaginei concretizarem tão facilmente.

Assim, corrido as duas Facultades de Letras, não poupou ninguém, até os seus amigos ou que eu julgava seus amigos, como o Henrique Cidade, o João da Silva Correia, ha dias falecido, e até o Carlos Simões Ventura a quem dediquei a sua dissertação de doutoramento.

É claro que teve para mentalidades inferiores como o Matos Pereira, o José Simões Neves, o Providencia e Costa, o Agostinho Fortes, o Ferraud de Almeida, comentários rudes embora de certa justiça que os collocaram no seu devido pé.

perante os problemas do ensino au-
gerise.

Mas o que me estranhei foram as
apreciações acerca dos outros, dos que eu
imaginava amigos e que ele, se bem
que de baixo de confiança, inferiori-
zou a ponto de quasi lhes não dar a
cruzeira necessaria p.^o o cargo que exer-
ceui.

E' certo que ele distingue nas Facul-
dades de Letras duas especies de cadeiras:
as que têm cunho scientifico e as que
dependem da liure critica e, por conse-
quencia, necessitam de temperamentos
dotados de capacidade e sensibilidade li-
terarias ou philosophicas para as ensinar.

Eu nada percebo do assunto mas
confesso que, na generalid.^o, lhe achei
certa razão.

E com esse criterio diz o Neuwisio
que o Carlos Simões Ventura, capaz de
ser profundo como é, na cadeira de la-
tim e grego, é incapaz de compreender
Cicero ou Hesiodo como homens de
letras no seu tempo, no ambiente e
nas intenções, saber collocá-los no pon-
to exacto da evolução, etc. O Heruani-
Cidade e o Rodrigues Lapa capazes, co-
mo não, de produzirem obras valiosas

sobre assuntos já arrumados (sic) e acerca dos quais já há ideias assentes e até controversas, não incapazes de se revelarem ou compreenderem qualquer fenómeno literario ou artistico quando contemporaneos, e quando saiem fora das formulas estabelecidas.

Assim, o Sirmões Ventura apenas credito, não tem capacid.^{de} para abraçar uma historia literaria; os outros, embora tenham essa capacidade para a historia literaria passada, não têm qualidades para compreender os phenomenos apauçados na sua contemporaneidade (sic). Falta não só de certa cultura filosofica e geral para uns, falta de sensibilidade literaria, receptividade perante os phenomenos recentes para outros.

É possível que isto não deixe de ter suas razões; mas eu sentia que, por debaixo destes argumentos intellectuaes e com certa logica, havia azedume real, vaidade de certo modo irritada — o que é humano.

É um creseendo, e sempre num á vontade curioso, cheguei a dizer que, perante as mediocridades que se assestam no coração dos lezaes superiores do espirito, ficávam á espera aquelles que ti-

nhaveu valer como o Paulo Quintela
 ou Coimbra e outros ou Lisboa e até
 aqueles que se sentem como « o mínimo
 " das qualidades para o ensino super-
 " rior » (sic), com conhecimento das cor-
 rentes modernas estrangeiras e o im-
 pulso íntimo que as provoca.

Aqui, evidentemente, classificou-
 se ele, quasi sem rebuço... Não há du-
 vida que ele terá razões e as pretensões
 deeu-nos irritado. Mas...

No final da conversa, confessou
 abertamente: vê-se obrigado a retra-
 ir-se; raramente comunica as suas
 ideias sobre o assunto tratado; não quer
 que o digam despeitado. De modo que,
 sem querer, ao falar livremente dean-
 te de mim, deixou-se levar pelas suas
 opiniões íntimas e... desabafou!

Eu fiquei que não compreendi e me-
 thor ou pior desviei a conversa para que
 ele se não aborresse de ter falado tão
 claro. E aqui está como eu, sem espe-
 rar, ouvi falar um homem de letras,
 no seu natural reservado — mas a
 quem o espinho do azedume obrigou
 a falar á solta como qualquer impetuoso.

Por onde é certo dizer-se que os ho-
 meus, afinal, são todos pequenos...

Coimbra.

Junho: 27.

Escrevi hoje a seguinte carta ao general Franc.º Soares Lacerda Machado p.^o lhe agradecer uns opusculos que elle me offerceu:

« ^{meo} Ex.º Sr. General: A atenciosa carta de V... e os opusculos com q. me honrou recebi-os em Coimbra onde vim passar uns dias de licença. Muito e muito obrigado a V... pela gentileza. — Não creia, sr. Gen.^{al} que me é indifferente a historia de qualquer remoto conceito ou qualquer outro trabalho de investigação; quem tem, como eu, entregue parte da vida a certos assuntos, compreende bem o trabalho dos outros e aprecia devidamente o esforço, o criterio e persistencia necessarios p.^o levar a cabo tarefa tão ingrata. — Por tudo e ainda pelas benevolas palavras que me dirige, creia V... que mais uma vez me confesso com toda a cordialidade etc. »

Não se pode dizer que não seja esta carta quasi modelo de agradecimento protocolar... E o Lacerda Machado, vá lá! merece-a.

Leiria

Julho: 5.

Tive hoje de escrever longa carta ao Manuel Maurato Veruelho, socio-gerente dos Laboratorios da Farmacia Nacional, por causa de meu solunho pleurique.

Ela aqui fica p.^a memoria triste das encontros da vida:

« ^{meo} Lee - m. — ante-ontem, a chama da telephica deu-me logo a impressao de qual seria a causa da communicacao que V... me quereria fazer. Realmente trata-se do problema diuheiro em que o pleurique ainda se perde-se sem atencao p.^a com as realidades. Eu conheço as dificuldades pecuniarias de m.^a Irina consequencia de exigencias do Filho, mas conheço-as depois das resolucoes tomadas. Tenho pensado em intervir, mas ~~sempre~~ sempre a alegacao de que se trata de paude afarece e assim fico sem querer responsabilidade no agravamento de doencas. — O pleurique, de mais a mais, não é, como V... sabe, susceptivel de ser aconselhado e a Mãe submete-se sem qualquer resistencia. O problema é muito difficil e tem-me dado já muitas dôres de cabeça. Neste momento

ando empenhado em lhe arranjar co-
 locação; tenho empregado os melhores
 esforços, mas até agora sem éxito e, por
 siavelmente, por culpa dele que criou,
 devido ao seu espirito de opposição, meu
 ambiente no ministerio da Justiça. A
 colocação, embora em cargo de modesto
 rendimento, resolveria grande parte das
 dificuldades, mas não lhe vejo solução
 immediata. — Eufim, V... pediu-me con-
 selho e eu vejo-me perdido. E eu emba-
 raço para saber o que dizer com acerto
 e que não vá complicar mais a situa-
 ção. Quando, verbalmente, faço ver ao
 Fleuri que a necessid. de não gastar, ele
 faz que não ouve e se, por carta lhe tem-
 bero o assunto, já me tem respondido que
 eu estou mal humorado... O Fleuri
 que tira pouca ou nenhuma considera-
 ção ao dinheiro; o seu egocentrismo
 leva-o a não olhar á volta; parece não
 ver o descalabro que está produzindo na
 familia que, se para com elle pode não
 vir a ter consequencias, pode dá-las á
 Mãe e á Irma. — Afinal, estão a tomar
 tempo a V... e sem responder; parece-
 me, talvez, convenientemente, V... apertar
 um pouco, pois estou convencido de que
 se elle precisa de dez, pedirá vinte; e ain-

da convencido de que a carta conterá verdades suas deve ter, também, muita trapalhada; mas negar, puramente, deve valer ter seus inconvenientes. — Aproveitando a oportunidade e como tenho aqui uma carta recente do Henrique, em que me fala das suas dificuldades, vou escrever-lhe e tentar de novo fazer-lhe ver a realidade; e por estes dias terei que ir a Coimbra e falarei a minha irmã. Será, naturalmente, tudo baldado, mas faz-se o que se deve. — Os meus dois sobrinhos têm-me dado preocupações que chegam p.^a uma vida! Isto deu para longa conversa e eu, nas minhas idas a Lisboa, ando sempre á pressa, sem occasião de dar um salto ao escritório de V... — Muito e m.^{to} obrig.^{do} por tudo o que tem feito e por mais esta prova de confiança e consideração. Cereia-me, etc. etc. »

Leiria.

Julho: 6.

Recebi uma carta do supercheiro Francisco dos Santos Viagas, datada da Figueira da Foz, em papel timbrado com as palavras Templos - Cruzeiros - Aluinhas rodeando um escudo com 5 guinas e, no fundo: Gabinete de Estudos Urbanos e Ru

rais — instituições que desconhecia com
pletamente.

Pede-me este cavalheiro colaboração
na parte respeitante a Miranda do Corvo
para uma obra que se empreende ou que já
começou. Muitas amabilidades e lau-
vâres, etc. etc.

Tive de lhe responder com a seguinte
carta q. aqui fica p.^o memoria...

« ^o Sr. Sr. Eugénio: Recibi a carta
de V... datada aos 25 de Junho ult.^o que
para aqui me foi remetida (a que só ho-
je respondi por causa de inumeros servi-
ços urgentes) e recibi hoje uma outra
mais recente. Agradeço muito e m.^{to}
reconhecido o honroso convite que me
faz mas neste momento sou obrigado
a dizer que me é impossível a colabora-
ção pedida. — Realmente, tenho muito
elementos "arrumados" para uma histo-
ria do conc.^o de M. do Corvo; mas a mi-
nha actual situação não deixa fazer qual-
quer coisa, não só pelo muito e constante
serviço, como por estar fóra da minha ca-
sa de Coimbra onde poderia trabalhar. —
Tenho, pois, que limitar-me a agradecer
reconhecidamente a oferta tanto mais
que V... me concede a fixação do condi-

ções. Por tudo, creia - me V... muito grato; e até ocarias em q. possa aceitar, pulescrevo - me, etc. etc. »

Quero perá este senhor engenheiro que se dedica a templos, cruzeiros e alminhas? Cheia - me a racionalismo muito generoso "Estado novo"...

Adiante.

Leiria

Julho: 7.

A proposito da boemia que em Lisboa reinava quando o Salazar ia para a missa, tem havido a mais extraordinária afluencia de manifestações.

Chego a não perceber bem.

De todas elas, a que mais me chamou a atenção foi a da quarnição de Lisboa, ontem, com o Morais Sarmento, o major-general, á frente e a da marinha de guerra.

O Morais Sarmento discursou; disse coisas curiosas com evidente pernilismo e bastante falta de vista - ao que o houveu, o patrão, respondeu com tempo discurso escrito de autemão e do qual causemos aqui os ultimos periodos como dignos de arquivo.

Eu disse já merecermos bem merecido o ódio que nos votam todos os empenhados satanicamente em afogar em sangue as conquistas milenarias da nossa civilização.

Merecê-lo da parte dos maus, é uma coisa, não nos defendermos deles, é outra porque não se trata só da vida deste ou daquele; trata-se da nossa terra, da nossa gente, da nossa his-

tória, do futuro de Portugal.

Por isso avisamos de que pode esgotar-se uma paciência que tem sido longa e magnanima; e temos por outro lado de ser vigilantes e de manter a fé nos altos destinos que por nossas mãos estamos construindo para a nossa Pátria.

E se ha mais atentados? Pois, senhores, nesse dia continuaremos...

É necessário arrôjo para afirmações como estas e é necessário não ver nada, não ter noção do que se passa pelo mundo para as ouvir e... para as aplaudir.

Basta ver, nas gravuras dos periodicos, o ar com que os generais estão, á roda do houveur, perfilados, a pensar q. são alguem e que tem oprimião propria.

Polices literes, maneijados com facilidade por mãos ocultas, a pensárem que são eles quem manda!

Leiria

Julho: 11

Antem recebi um convite, em uma vel cartão impresso para « uma missa » solene na Sé Catedral de Leiria, em accão de graças ao Altissimo, por ter saído mi lagrossamente ileso do nefando atentado de que foi alvo o illustre chefe do governo sr. Doutor Oliveira Salazar, etc. » O convite era feito pelas Senhoras de Leiria e

a minha foi hoje, domingo, pelo meio-dia e, segundo me disseram foi extraordinariamente concorrida.

É claro que eu não fiz lá os pés; mas também é claro que a m.^a falta foi devidamente notada. Arrim me'o afirmou o velho amigo, dr. Antunes de Sousa Saravia, com quem ha pouco falei. Mais uma boa nota para a minha folha de serviços...

Que lhe hei-de eu fazer?

Leiria.

Julho: 22.

Escrevi ao velho amigo dr. José Maria Cardoso, em resposta a uma sua carta, amavel como sempre.

É um bom amigo, este dr. José Cardoso, já de ha muitos annos. É eu seu ingrato com elle, eutara o considerare e reconheça o meu erro.

Deixo extractos da carta no vol.^o respectivo, a pag. 185, com o n.^o 124.

Leiria.

Agosto: 16.

Escrevi hoje ao Affonso Lopes Vieira, o poeta do Para quê, com o qual tenho de jantar, qualquer dia, em S. Pedro de

Muel. O Laurencço Chaves Almeida, que lá está agora um tempo, é que me arran-
jou esta carrapata. Tanto businou aos
sevidos do Paeta as reuniões "manhas e
artes", que o homem veio até-seu a
m.ª casa para me convidar para um al-
moço no seu castelo á beira mar.

Mandei-lhe a seguinte carta:

« ^{meo} Sr. Dr. L. V. — Tive muita ge-
ma de não estar na cidade quando V...
me procurou; assim, por este modo,
agradeço a honra que me deu não só com
a visita mas também com o convite. De-
sejo corresponder á atenção de V...; e na
prox.ª quarta-feira, conforme a alteração
que o nosso comum amigo Almeida me
communicou em nome de V... aceitei o
jantar de V... com o maior prazer. E em
quanto o não faço pessoalmente, renovo os
meus sinceros agradecimentos e peço
me creia, etc. etc. »

Leiria.

Agosto: 19.

Fui ontem, realmente, a S. Pedro de
Muel e entrei na casa do Lopes Vieira,
inaccessível ao vulgo e só aberta aos sa-
ros... E com essa honra, tive ainda a

outro igualmente apetecida de, á minha entrada, se içar a bandeira da residência: uma bandeira branca, sobre o campo, com uma cruz de Cristo de cor vermelha. E assim, toda a povoação de baenhistas se mexeu de curiosid.^{de} para saber quem era o grande culto nacional ou estrangeiro que entrara no tabernáculo — tão rara é aquella distincão do Poeta para com os seus hospedes.

Adiante...

O Laureço Chaves Alveida ainda na ha muito com desejo de nos aproximar mas sei bem porque. Agora, a proximidade das residencias provocou a efectivação desse desejo; e ainda, como em 14 do corrente, o Laureço veio de Coimbra para se encontrar com o Poeta na festa da Batalha, este, ao regressar com a esposa a S. Pedro de Muel, procurou-me em Leiria para fazer o convite — convite que ficou por escrito porque me não encontrou.

E é interessante reparar que o bilhete q. me deixou começa: « Meu Ex.^{mo} Commandante... » Isto já é um sintoma curioso.

Enfim: lá fui ontem, fardado, com intenção cerimoniosa...

A chegada á povoação, por entre ranchos de baunistas, acampados á porta das arvores, a ruinha farda dava-lhe um recendo contrastante. Mas que fazer? Não tenho, agora, fatos em condições; e a farda, se bem que ao Poeta daria certo prazer, foi verdadeiramente um escolher-meiserias.

Ao bater as portas houve, no largo, movimento de curiosidade. Cabeças de baunistas surgiam das portas e das janelas; passava gente que parava, quasi, a olhar... A bandeira de honra denunciára-me e é natural que aquella joguena houvesse auidade em saber quem era o feliz.

Nisto, o portão abriu-se e, a pressado, surge o Poeta, vestido ligeiramente, com calça branca e camisola de grão, em cabelo, ar desembaraçado, com aspecto de ainda novo, sorridente e afável. Tive a visão do estudante de ha 38 anos, em Coimbra; e disse-lho, passados os cumprimentos protocolares: parecia-me estar a ver ainda o autor do Auto da Selva, com a mesma vida e quasi o mesmo aspecto fisico de 1899.

O pátio da entrada ajudava o ar de "é vontade" que logo me deu o hospedeiro;

casas baixas dum lado e outras, de exte-
 rior modesto; por cima do muro baixo
 em frente, o mar largo sobre o qual o
 sol caía entre nuvens; o Lourenço sur-
 tiu alto e desenfreado; de modo que, ao
 primeiro contacto, embora fardado e com
 a minha capa no braço, senti-me fami-
 liarizado com o ambiente — e daí a
 evocação do estudante de ha perto de qua-
 renta annos, como velho conhecido e fa-
 miliar.

Toda o plano de cerimonia e retrai-
 nimento que tinha architectado, desappare-
 ceu e sem querer, senti-me bastante á
 vontade, como com velhos e cardeais
 conhecidos.

Subimos para a varanda da casa
 que deita sobre a praia — a varanda
 cubricada e inviçada, que é olhada de ba-
 xo com curiosidade por todos, com aze-
 dume e despeito por muitos, com ambi-
 ção por alguns. O Lopes Vieira isola-se
 ali, naquele refugio quasi espirital; daí
 vem certa má vontade de quasi toda a
 população baahista que vê, nessa attitu-
 de, superiorid. e desprezo por todos aque-
 les poderes mortaes que não têm um
 castelo romantico onde se acotarem...
 Não sei se será assim; mas á volta da

casa do Poeta, a sua vontade existe; e como ele a sente, o isolamento é natural q. seja realisar.

O certo é, porém, que a conversação surgiu fácil e amavel: a velha amizade do Poeta pelo Laureauço; o conhecimento que tinha de mim através deste, ha muito tempo e daí o desejo de me conhecer; a ternura por Coimbra e pela sua paisagem; o prazer que sentia naquella redio de verões, etc. etc. — foram os motivos principais da conversação tão agradável e alician-te.

E a seguir veio a exposição das curiosidades da casa: o jornal manuscrito O Bursio, de 1849, em que colaboraram os honreiros de letras que frequen-tavam a praia; especies de algas e plantas marinhas apauhadas nos rochedos e conservadas em agua salgada; as obras de ferro do Laureauço, ofertas que traz sempre ~~em~~ p.^a S. Pedro quando vem passar uns dias; varias outras coisas que tornam realmente a residencia um pequeno museu alegre e variado.

Depois... surgiu a questão politica. E vieram as confidencias.

O Poeta não traga este «permanen-te regime de burta» em que se vive

actualmente; teve palavras duras pa-
ra com os honreiros principais e, em
especial para com o Salazar a quem
tratou, mais especialmente, com azeite,
por «o Judeu...»

Faz notar a atitude de insensibili-
zação que se vive, manifestada sem-
pre por dá cá aquella palha. É a propo-
sito contou que ha dias, na festa na Ba-
talha ao Mourinho de Alberguerque, os ge-
nerais que ele julgava capazes de certa
independencia, atitudinaram servilmente
e sem a proposito de qualquer especie,
ao actual chefe do governo como mode-
lo de honreiros de Estado. E por isso ele
louvou a atitude de Paiva Couceiro que,
convidado para assistir como compa-
rheiro do festejado, respondeu que o au-
diente era toxico e que ele, neurasthenico
como andava, e já velho e doente,
não se queria emvenenar mais...

A conversa seguiu o seu curso.
Veiu a proposito o caso do José de Figueira
do querer tirar o lauzadario feito pelo
Lourenço, da sala do capitulo da Batalha
para o que se teria de mudar o túmulo
do soldado desconhecido para as capelas
imperfeitas. E isto era, dizia o Poeta,
mais uma manifestação de má ven-

Tudo á obra de Antonio Augusto Gaucal-
nes cujas lições dadas em jornaes e re-
vistas, ainda eram penosas de lembrar.

Depois, mostrou-me o terraço por de-
baixo da varanda onde ha um relógio de
sol de 3 faces e um quadrante das esta-
ções no qual está marcado o dia 14 de Ago-
sto a traço vermelho; fomos ver, no mes-
mo parvimento, o pátio franciscano, re-
colhido entre a casa e um muro alto re-
vestido de tamargueiras, com uma cruz
grande, dos seus 3 metros de altura, sobre
um montão de pedra solta. Ao ver o pátio,
disse para com os meus botões:

— Que madureza...

E com a conversa e a visita á resi-
dencia, veio a hora do jantar — refeição
simples, modesta, a que a esposa presi-
diu com afabilidade e distincção. Fiquei
sentado á direita dela, lugar de honra,
por consequencia. Mobilia alentejana;
ceramica popular nas paredes; e que-
bra-luz escuro que dava tom triste á ca-
sa. Mas havia em tudo conforto e fami-
liaridade, sem complicações de serviços
nem de baixela, de modo que o tempo cor-
reu sem difficuldade e a conversa foi facil,
sem intervalos de silencio difficeis de que-
lerar.

Durante o jantar, até, surgiram dois assuntos que meais prenderam: a paisagem, em geral, e o valor de Nivalvares como command^{te} militar.

O primeiro veio a propósito do vale do Liz, na altura das Cortes, que eu, por cortesia (realta a verdade...) louvei com certa redundancia. Ele, apesar de quasi natural da região, não foi muito largo em louvores; a esposa, sim, essa acha essa paisagem deliciosa, de grande encanto, talvez por ser de Lisboa e ser aquella a paisagem onde os seus olhos passaram mais demoradamente. A de Coimbra, parem, observou o poeta a certos gestos largos que lhe não são habituais: é paisagem unica, dizia, de encanto especial e fundo, destas paisagens que deixam marca indelivel, como a ele aconteceu desde os primeiros dias de estudante, e conseguem modificar caracteres. Com frase pòtica e dita em voz baixa, quasi subtilmente, cantou um hino exaltado á paisagem coimbrã; os seus olhos vivos, na penumbra da jolo quebra-luz, tinham reflexos curiosos; e eu, friamente, ia vendo como pôde ser verdade^a a accusação que fazem a Coimbra, cujo ambiente dissolve caracteres e amolece ainda

mais os rapazes que por lá passam e que têm complexão contemplativa.

Quanto a Nuno Álvares... não sei se o Lourenço Chaves Almeida teria dito já qualquer coisa; o que é certo é que fui quasi provocado a falar e... falei! Ele ouviu com atenção e sem interromper; expuz o meu ponto de vista acerca do valor como chefe, os seus conhecimentos militares, o seu bom senso, a decisão como uma das características do seu carácter, a firmeza na execução das suas concepções, o prestígio adquirido perante os contemporâneos, consequencia de todas estas qualidades, etc. etc. Expuz-lhe o que foi no seu traçado geral, a acção de Aljubarrota, o terreno como base de anulação da superioridade castelhana, os efeitos morais de certos ardís que todos os commandantes de temperam.^{to} provocam, etc. etc. Reproduzi-lhe a m.^a interpretação de Valverde que me ponho n'outra, etc. etc.

Ele ouviu atentamente, sem interromper; e no fim, com o monoculo encravado arriscou o argumentô do mysticismo, da influencia religiosa do tempo. Eu, pausadamente, disse que responder que a religião e os conhecimentos militares eram coisas separadas... E desen-

volvei a tese de modo que ele, ao fim, tirando o monocoito e ficando um momento silencioso, disse:

— Sim... Está bem... É aceitável...

E confessou que ainda não tinha ouvido falar no assunto desta maneira.

Por fim, o jantar terminou com ~~o~~ esta minha exposição e de meus traços da tese sobre Nunez de Guzman que parece ter impressionado o Poeta ainda agarrado ás concepções românticas relativas ao Caudes Tavel. Passámos, a seguir, ao aposento do 1.º andar onde ha um "divan", oriental de commodidade ali-ciadôra; ai, em minha penumbra; em obediencia á moda corrente, a conversa caiu na literatura e proposito da revista Levitaunia de que ele foi um dos directores e cujo fim ele cantou com graça.

E como a noite já adeantada, eu fiz menção de me ir embora. Vieram os cumprimentos finais e os agradecimentos; novos oferecimentos do Poeta para eu voltar; e seriam quasi 11 horas da noite saí de casa, com excelente luar de lua cheia, e a bela disposição de quem se sentiu consolado durante horas seguidas, diferentes, muito dife-

reutes daquelas que passa habitualmente
e que são resumidamente abarrecidas.

Estava a fechar a porta do carro
quando do escuro do largueto, um vul-
to correu: era o capitão reformado Ro-
drigo Faustino, de Leiria, que vinha apre-
sentar os seus respeitosos cumprimen-
tos e oferecer o seu modesto prestígio.
Sabia da minha chegada porque viu a
bandeira içada em casa do dr. Lopes Viei-
ra e a curiosidade levou-o a preguntar
quem estava na residência. E termi-
nou por dizer-me, galantemente:

— Não me admirei nada, ~~mas~~
eu ^o Coronel, mas me admirei... Eu dis-
se logo que era natural a visita de V.ª

E com gesto largo e suave:

— Pois se ambos têm as mesmas
tendências literárias...

— Muito obrigado, capitão, muito
obrigado pelas suas atenções...

E o carro partiu. Felizmente o re-
formado não viu, no escuro da carru-
agem, o meu sorriso involuntário.

As mesmas tendências literárias!

Não é má ideia...

E assim terminou este memorá-
vel dia de 18 de Agosto de 1937...

*

É para não esquecer, deixo aqui algumas notas enviadas ao Poeta no decurso da conversa e que não podem em ficar esquecidas.

Uma vez, já há muito, o Poeta com o dr. José Maria Rodrigues, que estava então seu hospede em S. Pedro de Muel, foram a Aljubarrota. A' passarem por Leiria convidaram o bispo D. José Alves Carreira da Silva e lá foram todos três no mesmo carro automovel guiado por um motorista atên.

No campo da batalha o Professor José M.^o Rodrigues fez uma preleção histórica depois da qual se metteram novam.^{te} no carro. Este, porém, que era velho, não queria andar, empurrou com ligeira avaria. O motorista, analisou o motor e regressou ao Lopes Vieira que, se alguém empurrasse o carro, o motor pegaria facilmente.

A dificuldade contudo estava no empurrar. O Poeta, fransino como é, não quiz, todavia, ficar mal e dirigiu-se á parte trazeira do carro e fez qualquer pressão, a pressão que as suas forças autorizavam. Mas essa pressão

não teve consequências. O carro ficou no mesmo sítio...

O bispo que estava dentro, á conver-
sa com o Professor, percebeu do que se
tratava; nesse tempo era homem rijo,
controlado e forte e não esteve com
medas medidas: apesou-se, meteu um
ombro ao carro e... o carro andou
logo o suficiente para o motor pegar.

O motorista ficou atorrto!... Ver
um bispo a empurrar um carro com
tanta naturalidade e com tal força que
o fez logo andar!...

No dia imediato, ele que sempre
vivêra amancebado com sua mulher
e tinha os filhos registados civilmente,
foi requerer casamento religioso e o
baptismo para os filhos.

O homem converteu-se...

A outra anedota passára-se com
o Meusinho de Albuquerque, o homem
de Chaimite, com quem a Poeta con-
viu muito.

Os dois, um dia, num passeio a
cavalo pelos campos do Liz, faláram de
Lça de Sueiros e por qualquer motivo
da d. Maria Amalia Vaz de Carvalho q.
recondemente publicára a Vida do Duque

de Palmeira em 3 volumes. Alguém que
gostara a Eça de Queiroz a opinar que
fornecera sobre o livro.

— Bom, respondeu o romancista.
Apenas notei que havia Madame Staël
a mais o Congresso de Viena a menos.

E como alguém não percebesse logo
a resposta, ele explicou:

— É que em vez de M.^{me} Staël pode-
ria ler-se Maria Amália; e em vez de
Congresso de Viena poderia ler-se me-
mor... o Ideal!

E depois de uma pausa, o romancista
concluiu:

— Sim, o Ideal... ou, por outras
palavras: o duque de Palmeira...

E o Lopes Vieira ~~acabou~~ acabou de
contar a anedota ~~de~~ dizendo que o Mau-
rinho acrescentara que a ironia do Eça
era, ás vezes e como neste caso, bem
cruel.

Se bem interpretei a ironia, o Eça
quereria dizer que a D. Maria Amália
se identificaria, de vontade, com a M.^{me}
Staël a qual, segundo as más línguas,
adornou o duque de Palmeira a ponto de o
dar como o herói do seu conhecido ro-
manço Carina.

Será assim?

Leiria.

Agosto: 20.

Escrevi hoje, como devia, ao Lopes Vieira, uma carta de cumprimentos. E com franqueza, emendei e risquei o rascunho. . . Escrever ao Poeta não é, na verdade, coisa fácil.

Mas enfim, lá foi a seguinte epistola:

« Ex.^{mo} Sr. Dr. L. V. — As horas que passei em casa de V. . . não daquelas que deixam fatalmente recordação; o meu retraimento natural encontrou na simples hospitalidade dessa casa e nas homenagens recebidas um contraste benéfico, ligado a evocações que mentalmente fazia fazendo ao ouvir V. . . conversar da época distante de Coimbra em que eramos novos. — Enfim, não quero magoar V. . . com banais agradecimentos; peço apenas licença para em breve (logo q. possa ir a m.^a casa) mandar algumas das bagatelas q. tenho impressas como lembrança afectuosa de amadôr ao meu nome a um dos altos espiritos da minha geração. — E ainda com os meus maiores respeito, etc. etc. »

Deu - que trabalho meas ficou obra
como se quer... Não se é impunem.^{te}
recebido no castelo romântico de S. Pedro
de Muel.

Leiria.

Agosto: 22.

Escrevi ao Tomás da Fonseca, em
resposta a um cartão no qual me pede
informações acerca do major do meu re-
gimento Jaime Tomás da Fonseca, já
meo direito dele por ser filho dum tio
que por sinal era padre.

É claro que o caso é até certo ponto
melindroso. Uma carta pode perder-se
e eu só tenho que dizer qual do dito
major... de modo que arranjeri esta
forma de informação sem citar nome
nem cargo.

« Meu caro P. da F.: Não o sabia em
frente das sudas e submetido aos en-
cantos da meta... Coisa terrível é per-
avô! — Mas vamos ao caso: a pessoa
de que fala creio que tem mais vozes
do que mãos; em tempo gozou de certa
aura politica, mas julgo que hoje não

(1) A carta vinha de Nazaré.

terá importância para desmanchar
 planos desses. Quero até crer que não lhe
 conviria tal procedimento. Cautheço pou-
 co este ambiente político porque me não
 tenho afastado do sistema que uso sem-
 pre; ignoro os escamínhos se de se for-
 jarem as maroteiras e não sei bem, ain-
 da, o grau de patifaria de que é dotado
 cada cidadão. Mas, refiro, quero crer que
 a pessoa visada não tentaria qualquer
 ofensiva contra meu filho. — Se aqui
 estivesse o dr. Serafim, consulta-lo-ia
 acerca do caso; como não está, mandando-
 lhe a consulta incompleta por não po-
 der dá-la a valer. — Mas, continuo a
 dizer, fundado no que já aprendi aqui:
 cuido que não lhe deve convir meter-
 se no assunto. — E a respeito dessa pes-
 soa seria que lhe contar bastante. Fica
 para outra vez. — Os meus respeitos
 p.^a sua Esposa, etc. etc. »

O filho do Tomás, o Antonio José Bran-
 quinho da Fonseca, actualmente official do
 registo civil em Marvão, deseja ser coloca-
 do na Nazaré em cargo idêntico e recia
 a influencia do primo Jaime que lhe
 seria contraria — pois a velhacaria des-
 te era capaz, noutros tempos, de fazer

obstaculo. Floje, poram, creio que não seria capaz disso. Fora das suas relações com o clero (não fosse ele filho de padre!) julgo que a sua influencia politica é nula.

Leiria

Agosto : 30.

Floje tive de escrever ao chefe do Estado-maior da Região, o Alfredo Ernesto da Cunha, por causa dum assunto que me parece curioso arquivar.

Ele aqui fica exposto :

« Pres.^{do} Car.^{al} e Arn.^o : Esta epistola vai em lugar de nota confidencial... Trata-se, me parece, de caso sem importancia mas de que desejo dar conhecimento, pelo menos, ao meu caro Camarada. — Recebeu-se aqui um jornalito dactilografado O Mosquito, feito no deposito Militar Colonial e de que é director um 1.^o cabo do meu regimento, cabo que eu não conheço por andar por lá ha anos. Vinha o jornal dirigido á corporação dos cabos. — O papel é inofensivo, segundo julgo; mas... como sabe, destas coisas inofensivas mas com outras q. podem ofender... apenas cer-

A frase me pareceu mais digna de
 nota: "Porque não ha-de a classe sair
 "do marasmo em q. se encontra? Por-
 "que não hauemos de procurar trouar
 "que alguma coisa hauemos?" etc. —
 Isto pôde não ter intenção má e é natu-
 ral que seja simples rapaziada; pelo
 sim e pelo não e sem querer levantar
lebre (salvo inconveniente) pensei q.
 tudo se resolveria da seguinte manei-
 ra: — a) Chamei os meus sete cabos e
 disse-lhes o que sobre o caso entendia
 e fiz-lhes ver o inconveniente de tais
 rapaziadas; — b) Fiz uma confidencial
 para o Depósito M.^o Colonial de modo a
 não multindrar, rogando fazer saber
 ao 1.^o cabo director do periodico que acha
 na má a ideia do jornal, que poderia
 ser mal interpretada a intenção e que,
 como seu command.^{te} me era desagradá-
 vel o facto, etc. etc.; — c) E, finalmente,
 deu-lhe conhecimento particular das
 alíneas anteriores por me parece, sal-
 vo melhor offiiação, que por cá o caso
 ficou solucionado sem novidade e sem
 necessid.^{de} de me se mexer mais. — E
 aqui vem a razão desta epistola. — Os
 meus cabos são considerados bons; co-
 mo ha dias disse em nota, merecem

confiança; por isso julgo que, por im-
fantaria 7, a questão está resolvida. E
não o meço mais. etc. »

E aqui está uma amostra dos en-
trecarismos dum comandante de uni-
dade...

E ainda bem que ha com entretém...

Leiria.

Setembro: 1.

Recibi carta do Laurenceo Chaves Al-
meida na qual me fala do poeta Lopes
Vieira e da m.^a visita a S. Pedro de Muel.

Diz o Laurenceo que o poeta ficou en-
cantado comigo.

Seu mais meu meos: encanta-
do! Era o que me faltava...

Cóimbra.

Setembro: 10.

Ontem assisti á inauguração no
pátio do Museu de Machado de Castro de
um medalhão á memoria de Antonio
Augusto Gonçalves, por iniciativa do
Vergilio Correia.

Foi sessão fria, artificial, protoco-
lar — sem nada que fizesse viver o pas-
sado, isto é: o ambiente especial ali

creado e desenvolvido com tanto gosto pelo fundador.

E para mais, a sessão foi presidida pelo governador civil substituto, um indifferente; e nas cadeiras da mesa de presidencia havia um vereador da Câmara que não saberia quem foi o Gonçalves e ainda um tenente, ajudante do General da Região...

O protocolo, apenas o protocolo.

Os jornais, hoje, dão a noticia, me vida, como caso banal, nas correspondencias de Coimbra. Alguns, até, dão-na em meia-duzia de linhas para não faltarem aos deveres.

E mais nada.

O Seculo é o jornal que dá noticia mais completa e por isso a arquivo como curiosidade.⁽¹⁾

Vou pensar em escrever qualquer coisa para a Semana Nova. Necessito de desabafar — e dizer de m.^a justiça.

Suam viri, como eu vi, a assistencia á sessão e as suas expressões... O formalismo de tudo aquilo, o artificialismo do conjunto...

Polere Gonçalves!

⁽¹⁾ No final do vol. a pag. 402-403.

Leiria.

Setembro: 19.

Ainda a-proposito da inauguração do medalhão a que me referi anteriormente, mandei hoje para o Lourenço Chaves Almeida esta carta:

« Meu caro L. de A. — Não houve tempo, no dia 9, depois da cerimonia da inauguração do medalhão do nosso retho Gonçalves, para falar com o meu Am. sem a presença de importunos. — Vim do Museu desolado. Aquilo correu com toda a frialdade e formalismo. Teria valido a pena? Não lhe sei descrever a impressão que sentia enquanto a sessão ia correndo perante todos aqueles olhos e ouvidos entre os quais nem 10% estariam sinceramente. — De mais a mais, um dos amigos e admiradores do Mestre Gbz. dissera pouco antes, na galeria medieval, perante o assentimento de outros amigos e admiradores e apontando para o novo arranjo da sala: — Agora sim! Isto já é um museu! Agora sim...

(1) Foi o capitalista comimbricense Antonio de Moura e Sá.

Enfim, fui para casa a pensar em tudo aquilo e ainda em se o trabalho do Costa Mota foi oportuno... — E tive assômodo de escrever um artigo para a seara, no genero dos do Goucalves, desaucaudo toda a vilanagem e chicoteando os fariseus. Mas não me lembrei de censurar nem dos tempos que correm... — E enquli em pé e desabafei nas minhas memórias e agora aqui, com o Laureço, á boa paz. — E aqui está no que censuraram as minhas pobres farraucas de d. Quichote; e quando cheguei a Leiria e reentrei na vida marcial, estava já convertido pelos conceitos prudentes do bom Saucha Sousa. — Esta carta vai encontrar-lo, certamente, de volta de Sauego; desejo q. suas Filhas tenham bem e toda a sua familia goze o sossego e saúde q. deseja. — Em começo de Outubro devo ir de licença; então falarêmos de espaço e até lá mande, etc. etc.»

Leiria.

Setembro: 23.

Ontem estive aí o Pais de Sousa ministro do Interior. Mandei-me prestar honras militares segundo o regulamento, fui recebe-lo e assistir a tudo: á

conferencia eleitoral no teatro e ao al-
moço no palão da Camara.

O Quartel-general não gostou: o Che-
fe do Est.^o Maier mandou-me um tilhe-
te seco e muito bem agarrado... Esta
supremacia do exercito é muito interes-
sante! Os generais sobrepostos ao mi-
nistros!...

Relatarei qualquer dia.

Em compensação, a passagem do ho-
mem do governo por esta excelente terra,
correu o melhor possível.

Logo á chegada, perante a guarda de
honra, tive que susinar ao ministro co-
mo deveria passar a revista. De entra-
da, deu-me a impressão dum campo-
niz elevado á alta posição que tem sem
transições de educação mais elevada.

A conferencia sobre o novo Código Ad-
ministrativo ^{deixou} não de ter, para mim, o seu
interesse; o homem não me pareceu
grande intelligencia, pareceu rábula como
advogado de aldeia, com facilidade de ex-
posição e certa clareza de forma.

A sessão foi frigidissima embora
o teatro estivesse cheio; apenas dois nu-
cleos de legionarios procuráram man-
ter o entusiasmo, mas com alguma di-
ficuldade.

Ao almoço, na Câmara, com o champagne, houve maior animação; ali, mais em família, as afirmações foram mais quentes — e subiram ao alto quando o ministro achucalhava as palavras Liberdade, Equaldade e Fraternidade esculpidas sobre as portas da sala das sessões. Houve até quem dissesse:

— Sim sr!... Boa friada!

E ficámos sabendo que o actual presidente da Comissão administrativa camarária pretendia fazê-las desaparecer como atentatórios dos princípios do Estado Novo. O presidente é o coronel de Infantaria reformado João Teles de Saespaio Reis. É o interessante é que o ministro disse a certa altura do discurso:

— Não faça isso, sr. Presidente. Deixe-as ficar onde estão como documento duma época passada e que não volta. Disse Vergílio que os prados beberam bastante...

E num esforço de memória quiz citar a frase em latim:

— ...jam...jam...

Ora eu, que estava quasi ao pé dele, disse-lhe em voz baixa: jam satis frata liberunt... O homem ouviu, agradeceu-me com ligeira réveia e voltou-

se para o centro da sala e com voz forte repetiu o verso vergiliano...

Parte do auditorio, porém, percebeu o meu auxilio. Houve certa admiração nos circunstantes principalmente nos padres que sotariam loupe de imaginar que eu sabia latim e ter, ali d' mãos, na memoria, aquele passo das Georgicas.

De tudo, foi para mim, este episodio o mais importante de todo o dia... E os proceres do Quartel-general a reportarem, sem verem que raro perão os comandantes que sabem latim e auxiliam os ministros desmemoriados!...

Ingratidão... Inveja...

Ora pois.

Uma puzia... Todos eles, de cima e baixo. E adiante.

Quando, por lembrança, meus gramma que meim no Seculo, de Lisboa, que reproduz um aspecto da sessão no teatro e onde se conhece bem a m.^a pessoa, á direita do observador.⁽¹⁾

E aqui está como vou á posteridade, no requito dum ministro do Estado Novo, em sessão de propaganda!...

⁽¹⁾ No fim do vol.^o, a pag. 404.

As voltas que o mundo dá e, como diz o povo: ninguém sabe para que está reservado...

Leiria.

Setembro: 26.

Carta ao Alfredo Ernesto da Cunha, chefe do Estado-maior da Região, acerca do caso das honras prestadas ao ministro. E passa-se o tempo nestas lupigaypas!...

«Caro Com.^{da} e Am.^o — Ora venho re-
clamar da auaquel admestação que me deu na sua carta de 22 do corrente; estão ainda dentro dos 5 dias da ordem e com a mais pacifica e amigã das intencões... — Eu primeiro tugar: não conhecia a determinação da Ordem á Região n.^o 48 de Setembro de 1933 (tempo em que estava fóra do serviço), determinação que aqui parece esquecida porque ninguém me citou. — E assim, vou exprã as razões que me leváram a fazer o que fiz que não foi gesto para agradar ao ministro mas simplesmente consequencia do raciocinio e educação intelectual com q. cheguei aos 58 annos de idade e ao cargo de command.^{te} militar por meu mal e... dos outros. — O Governadã civil comu-

disse-me que o ministro do Interior
 vinha oficialmente a Leiria; o Governador
 civil é a autoridade superior do distrito
 e o legítimo representante do Estado,⁽¹⁾
 pessoa, portanto, mais do que competente
 para dizer se o ministro vinha ou não á
 cidade; o regulamento diz claramente
 que, neste caso, o ministro tem direito a
 honras militares nos termos do § 2.º do
 art.º 66. Ora que duvidas poderia en-
 ter? — Ordenei que se prestassem as
 honras devidas e comuniquei para o Quar-
 tel-general, com a ingenuidade propria dos
 meus referidos 58 annos que imaginára-
 ram que o commando da Região me daria
 a honra de o fazer representar! Daí a
 umas horas recebi um radio da Repar-
 tição do Gabinete da Guerra que me comu-
 nicava a vinda do ministro e recomen-
 dava não esquecerse o cumprimento do
 § 2.º do art.º 66 do regulamento. — Vi as-
 sim confirmada a minha interpretação pois
 o radio não ordena mas recomenda o
 que me parece a boa doutrina. — Aqui
 para nós, má ou pessima doutrina, é

(1) Hoje o exercito não gosta de ouvir tal
 coisa. Depois de 28 de Maio de 1926 julga-se se-
 nhor absoluto e não quer saber de mais ma-
 da. Mal sabe ele quem, afinal, o manobra!

uma simples nota, como a referida na
 Ord. e Regias n.º 48 revogar um regula-
 mento assinado pelo chefe do Estado e por
 dois ministros para valer como lei. —
 Prefeito: não conhecia a O. B. 48; mas re-
 pito também: procedo sempre conforme
 a m.ª razão, a lógica aprendida ao tempo
 de muitos annos de vida e de cultura e,
 neste caso, o criterio civilista que a mi-
 nha qualidade de militar não oblitera.
 — Para futuro, em casos semelhantes,
 o meu procedimento será outro, visto q.
 se estabelecer, em simples nota de uma
 reparação dum Quartel-general, nova
 doutrina juridica que, aliás, julgo ta-
 çamente revogada. E per-mue-ha dado
 ver ainda um Quartel-general não au-
 torizar honras a um ministro? O Po-
 vo bem diz: sempre o pale para o que
 está reservado... — Ora pois: a mi-
 nha reclamação, como vê, tem sua
 base e dada esta explicação que entendo
 devia dar-lhe, como bom amigo, não
 o nego mais e procurarei sempre
 nego-lo o menos possível. — Quan-
 to á m.ª ida a Tomar, ando hesitante des-
 de Janeiro ultimo. A deligencia tem
 certa delicadeza e gravidade e agora, com
 a poluição do caso de 2.º commandante do

regimento, tem muito mais. Não sei, até, como seria interpretada; e os meus 58 anos aconselham-me cautela, tanto mais que não levaria provas autenticadas em papel selado com selo branco... Quem é incapaz de realidades, como eu, vê-se embaraçado com a indecisão. E depois... aconselha o meu D. Franc.º Manuel que quando a pedra rói fora da mão, já não tem remédio. Adeante. Embora atéu, direi como o Borda de Agua da minha terra: Deus super omnia! — Ao fim do ano de comando conto ser alijado para dar lugar a outro, muito mais novo e... mais obediente. O que não será. E como dizem que a lei de reformas desce o tempo de serviço para os 36 anos, já me sinto quasi liberto. — Desculpe a meçada. Tereis-me sempre, embora reclamamente o mesmo, etc. etc. »

E aqui está em que se gasta o tempo! Papatelas e parcurias.

O caso da m.º deligencia a Tomar, a que chamo melindrosa e grave, era o da necessid.º de expor no Quartel-general quem era a pessoa do major Jaime Tomás da Fonseca — deligencia na ver-

lade grave e melindrosa e, ainda mais,
bastante perigosa para mim.

Pensarei.

Leiria.

Outubro: 3.

Fiz hoje 58 anos... Cincuenta e
oito anos.

E para os comemorar fui a Vale
de Lobos.

Mas já não encontrei o Herculeano.
Arvores velhas, frondosas; tanques de
água esverdeada; edificações da granja,
lagares, adegas, etc. — ainda devia
ter visto o historiador, se não fossem an-
teriores a' suas instalações; mas a casa
que eu tenho nos olhos desde criança pe-
las gravuras do tempo, essa quasi des-
apareceu com transformações moder-
nas em que já se vê o cirneuto armado.

A casa que eu tenho nos olhos, pe-
las gravuras do Caltao Alberto, seria
para mim o contacto com o homem;
no resto, arvores, tanques, lagares, tu-
do isso é' comum a outras granjas e her-
dades. De modo que, senti uma impres-
são de quasi indiferença.

Foi ali que o historiador se reco-
tenu e de súde fulminou a reacção ele-

rical com algumas das suas mais belas peças de pterinica; ali passava os seus dias entregue á lavoura e á arboricultura — mas tudo isto lá vai ha 60 para 70 annos, ha mais de meio seculo.

E' certo que os campones ainda co-
nhecem a quinta, como verifiquei, pela
quinta «do sr. Herculeo»; os cedros
e platanos altos e frondosos ainda deitam
sombra a essa forte figura da massa his-
torica; mas enquanto eu procurava me-
ditar no passado e fazer reviver magre-
le afortunado o homem, sentia na es-
trada passar os automoveis velozmen-
te, businando na curva abaixo do por-
tão grande da entrada; e ao longe, para
os lados da cidade, ouvi rotunamente
o som rouco dum motor de avião.

Em resumo: não só não encon-
trei nada de Herculeo nessa quinta
simbolica que tanto tem povoado a mi-
nha imaginação em quadras (aliás
muito frequentes) de desânimo; como
tambem concluí que hoje, aquelle retiro
não era sufficiente para a fuga do mun-
do. Ha setenta annos, Vale de Lobos seria
deserto, perdido na massa de oliveis ao
norte de Santarem; hoje é quasi arru-
balde de uma cidade, com estrada alea-

Troada á porta, ponto de passagem para o norte, belicoso, portanto e devassado.

Enfim, assim passaram as coisas do mundo; e estes meus 58 anos foram celebrados, como se nê, ~~com~~ com mais uma desilusão.

Leiria

Outubro: 4

Ontem foi o passeio a Vale de Lobos p.^o encontrar Serculano inutilmente; hoje mais uma carta ao chefe do Estado-maior da Região ainda por causa do ministro Pais de Sousa.

O caso já não tem importancia, na verdade; no entretanto aqui deixo a carta. Pode ser que para o ano 3:000 algum investigador lhe tire ~~algum~~ interesse, mas não lixeiro que seja.

« Pres.^o Am.^o e Cam.^o » — Não leve a mal as me.^{as} católicas... Fiquei hesitante por o ver aborrecido com a minha reclamação, aliás feita com ar de graça. É certo que, nessa altura, um conjunto de circunstancias me trazia o sistema nervoso em certa elevação — mas simplesmente quiz assentar princípios e definir criterios sem, por qualquer forma,

tocar nas pessoas. Este exercício do com-
 mandado, para quem o torna a sério, deve
 ser coisa equivalente ao que se diz por o
 duplício do potro na hipuísica: as car-
 das, se levantam dum lado a pessoas,
 apertam por outro e assim se vai au-
 dando, sempre entediado e sempre ofi-
 cioso. — Mas, enfim, não quero inco-
 moda-lo mais; só lhe digo que nunca
 tive a real qualquer deservação que de
 cá faça com apparencia de vivacidade, pois
 também sei reconhecer, como sempre
 tenho affirmado, o multo do cargo q.
 o meu com.^o exerce com elevação, leal-
 dade e esmerada educação. — Terrei eu
 a sensibilidade pouco calçada? É possível
 e é muito natural; mas veja só em mim
 um amigo leal (como aliás reconhece) e
 um auxiliar do commando da Região
 interessado por que tudo corra bem, com
 prestígio para a classe e dignificação do
 cargo que exerce. Nunca se aborrecia
 com os assomos de meu humor; e co-
 mo hoje está um dia excelente e ontem
 chegou meu filho, vou dar um passeio
 pelos arredores para gastar o mais ale-
 gremente possível os restos do verão e
 arajar um pouco dos trabalhos meus.
 Creia-me, etc. etc. »

E' isto ... Bagatelas, amúos, desculpas, tagalés e ... pronto. Não ha maneira de sair deste fadário.

Até mesmo, em compensação, poderei dizer que ainda ha friar ...

Coimbra.

Outubro: 20.

Tive de escrever ao Poeta Lopes Vieira com desculpas por não voltar a S. Pedro de Muel como vagamente promettera em Agosto passado.

A carta fica no vol.º da "epistolografia", a pag. 186, com o n.º 125.

Coimbra.

Outubro: 21.

Lá foi hoje uma longa missiva para o Diogo Arreando da S.ª Leira, que conheci em Abrantes e foi sempre um bom e atencioso companheiro.

E' missiva atenciosa e, deve dizer-se, merecida. Fica com o n.º 126, a pag. 187 do vol.º respectivo.

Coimbra.

Outubro: 24.

Ainda outra carta e desta vez a um artista — ao pintor José Serra da Mota,

de Alerantés, com o qual, durante a minha permanência ali, me dei muito bem. Varias vezes frequentei a sua sala de trabalho, cheia de encanto como é natural e em uma dessas visitas ofereceu-me um quadrinho a óleo que eu muito estimei e apreciei.

Enfim, lá vai a carta. Fica no vol.^o respectivo a pag. 1^o, com o n.^o 127.

Coimbra.

Outubro: 26.

Escrevi hoje ao Mario de Vasconcelos, governador civil de Leiria, acerca do meu rolzinho Henrique. Vagou o cargo de Conservador do registo civil da villa de Constancia, cargo de pouco rendimento, mas o rapaz quer colocação qualquer, para começar.

A carta lá foi. Já em tempo falei ao Vasconcelos no Henrique e ele, como bom politico, fez-me grandes promessas. Confesso, porém, que saí do gabinete com a impressão de que o homem ficou com a intenção de se não preocupar com o meu pedido. Mas, enfim, a carta lá foi — e vamos a ver o que saí da deliberação.

Leiria.

Novembro: 13.

De volta a Leiria, com a licença disciplinar acabada... E logo tive, ontem e ante-ontem, a terrível inspecção aos quadros regimentais esperada com certo receio e, ao mesmo tempo, curiosidade.

O brigadeiro Arnaldo de Melo já conhecia o regimento; mas eu tinha interesse em que, agora, o pessoal se apresentasse melhor que nas últimas inspecções. E á chegada, quando apresentei os cumprimentos de cortesia, afirmei logo, com firmeza, que o regimento de Inf.^ª 7, ao contrario do que seria natural, esperava a inspecção com interesse e sem medo porque, embora tivesse muito prazer em ser o melhor de todos, o meu desejo era demonstrar ao inspector a boa vontade em se instruir e demonstrar que tinha trabalhado. E para a consciencia de todos e, em especial, da minha, isso era o suficiente.

Parece que este modo de falar, novo com certeza p.^º o brigadeiro, lhe causou certa impressão. Ao responder, quando agradeceu os cumprimentos, disse notar com agrado as m.^{as} frases, mas não

se admirar delas pois (textual): "quer
 "a Região quer a Direcção da Arma, Lou-
 "nam-se em ter V. Ex. como comandante
 "de unidade por ser pessoa particularm.^{te}
 "indicada ~~em~~ como competente, para
 "orientar a instrução..." E terminou
 por dizer que nada se admiraria se o re-
 sultado de sua inspecção fosse o melhor
 possível.

Eu, ao ouvir estas amabilidades,
 fiz uma ligeira récia de modestia...

Mas fiquei aterrado! Fui adiante de
 mais. E se os homens se não aguentam
 nem?

Felizmente aguentaram-se. Os in-
 terrogatórios foram apertados e exigentes.
 Mas os oficiais, com excepção de dois,
 responderam bem e alguns, até, muito
 bem.

À despedida, entem, o brigadeiro dis-
 se deante de todos que, até agora, era o
 melhor regimento que encontrara; fal-
 tavam-lhe, ainda, alguns, mas este en-
 chera-lhe as medidas — e acrescentou q.
 cumprera então bem as minhas pa-
 lavras nos cumprimentos de entrada:
 realmente, com tal preparação, era na-
 tural que o inspector fosse espreado com
 interesse e não com medo.

Etc. etc. Triunfei, afinal.

Mas... sobre triunfo!

Leiria.

Novembro: 26.

Hoje houve festa no Liceu da terra: abertura solene com oração de rapieucis. E a oração de rapieucis dita por um padre, o professor de moral.

Em todo o corpo docente, o unico em condições de orar, era o padre — que meu professor é...

Mas o que mais me impressionou foi o seguinte: a mesa da presidencia era constituída pelo coronel Teles de Saupais Rio que representava o governador civil e que tinha, á sua direita o representante do bispo e á esquerda eu, como comandante militar. Pois o P.^e Galamba de Oliveira ao começar a oração de rapieucis, curvou-se perante o conego representante do bispo o mais seraficamente possível e disse:

— Rev.^{mo} e Ilustre representante do Ex.^{mo} Bispo da Diocese!

Depois, voltou-se para mim, mas já de espinha direita e disse:

— Senhor comandante militar, representante do Exército!

E por fim, para o coronel Teles, no
mesmo Tom:

— Ex.^{mo} Representante do sr. Governador Civil!

Como se vê, a ordem dos cumprimentos é perfeita: primeiro, a Cruz; depois, a Espada; e no fim, o Estado...

Fiquei assombrado com a audácia. Nunca vi coisa semelhante. Mas vi agora, em Leiria, no ano de 1937, no 12.^o ano da Salvação Nacional — e com assentimento e gosto de todos.

Quanto à oração de sapiência...

Não valera a pena mencionar. Foi, verdadeiramente, um artigo de qualquer jornal reaccionario contra o Liberalismo e a Republica. Parecia um artigo d'A Voz, da pena do Fernando de Sousa.

A audacia destes malandrinis!

E o reitor, o Agostinho Pinoco, blaudicioso, balado perante tanta e tão boa eloquencia!

Adiante. Para que fazer comentarios? Os factos ficaram apenas registados e basta. E' inutil comentar. Quem, de futuro, ler isto, tirará a conclusao que muito bem entender.

A' vontadeinha!

Leiria:

Dezembro: 6

Começam hoje, em Coimbra, os festejos do 4.º Centenario da instalação definitiva da Universidade.

Deve haver, como é natural, festança rija. No Diario de Noticias, de Lisboa, o Sincero Veloso publica um artigo de fundo acerca do caso. Faz a historia sucinta da Univeraid., refere-se ao seu poder de expansões no seculo XVI, a sua influencia no País, etc. etc. — Tudo muito bem, sem aliás dar qualquer novidade. Artigo baval no fim de contas, que não corresponde ao nome que o assina.

Mas no fim, como giraudolo festiva que tambem não corresponde a idade do signatario que parece deveria ser mais independente, nem um periodo que me rece arguivo; ei-lo:

« Ao meu corpo docente pertencem as mais altas figuras do Portugal Contemporaneo: o Cardinal Patriarca de Lx.ª, D. Manuel Gouveias Correia; e o Presidente do Conselho de Ministros, Doutor Antonio de Oliveira Salazar.

« Nestes dias de festa espirital [...] exaltamos, com entusiasmo e emoção

a gloriosa Universidade de Coimbra!»

Assim termina o archo esse aubi-
go professor do Curso Superior de Letras e
historiador seguro, que deveria respei-
tar um pouco mais os seus 77 anos.

A gloriosa Universidade...

Leiria.

Dezembro: 8.

Dia da Padroeira de Portugal. Feriado
nos estabelecimentos de ensino. Entromi-
zação do Crucifixo nas Escolas Primarias.
Procissão. Etc. etc.

A reacção ás voltas.

O Tempo, porém, não deixou fazer
a parte do programa das ruas. Só se fez
o que se poderia ~~realizar~~ realizar debaixo
de telha, sem perigo de chuva.

Recebi, como command^{te} militar, vari-
dos couvites que tive o prazer de não ac-
tar. Guardo, porém, um, o mais com-
pleto, para memoria futura, para os tais
leitores que um dia lançem os olhos sobre
estes manuscritos. ⁽¹⁾

A entromização foi organizada pelo
Inspector primario districtal e mais pro-

(1) No fim do vol. a pag. 405 e 406.

fessores e professoras oficiais, isto é, do
Ministerio da Instrução e por consequen-
cia do Estado que está, por lei, separado da
Igreja...

Mas ha um caso curioso para au-
tar e que parece ser prova de que os diri-
gentes ainda se tem a consciencia a di-
zer qualquer coisa: a Censura recebeu or-
dem para não deixar os jornais falarem
no assunto; seguindo em vi na circular
respectiva a razão ou razões alegadas são:
«para não perturbar o espirito publico»
e ainda para evitar sanções disciplina-
res contra os jornais como já se teve de
usar pelo mesmo motivo.

«Para não perturbar o espirito publi-
co!» Que bela frase!...

A consciencia ainda vale para algu-
ma coisa.

1938

Caixa

Janeiro: 2.

Começo o ano com cartas para aqui e para acolá. Não posso fugir á epistolografia...

A Grande Enciclopedia Lusobrasileira mandou-me uma circular em que me convidava para continuar com a colaboração. Respondi que sim, que continuaria a colaborar e enumerava os arbios que recentemente mandei e os que me propunha fazer como obasal Novo (1811) leuz dos Morauços (1828), etc.

Escrevi também ao velho amigo dr. José Cardoso, inspecção do Notariado, em resposta a carta dele a qual, não sei se por breucadeira, trata de certas formas filológicas como se eu fosse entendido em tais assuntos.

Lá respondi, em ar de breucadeira, não vá ele julgar que tornei a peria a especie de consulta feita. O extracto da carta fica no vol.^o respectivo, a pag. 191, com o n.^o 128.

Leiria:

Janeiro: 5.

Mais outra carta... Hoje foi para o dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos a quem devia agradecer a oferta do prim.^o volume dos seus Escritos Varios — compilação dos trabalhos dispersos que a Faculdade de Letras em homenagem ao seu fundador, director e defensor vai publicar em quatro grossos tomos aparatosos.

Segundo me disse uma vez, queria fazer a oferta pessoalmente. Porém, a minha ausência de Coimbra e o incêndio das minhas escapadas a casa, fizeram com que se limitasse a mandar-me o volume por qualquer portador.

Lá foi pois a carta, amavel, como seria natural em tais casos.

Em todo o caso, a respeito do dr. Vasconcelos, devo dizer aqui, para ser verdadeiro, que... quem o não conhece que o conheça.

Leiria,

Janeiro: 26.

Os protestos do exercito contra os tres decretos-leis de 31 de Dezembro ult.^o, foram o grande golpe, me parece, que o Salazar recebeu.

Os militares de Lisboa e Porto faltaram-lhe ao respeito... Quem o havia de dizer!

O homem civilisado e intangível Vene, no caso, o seu meu quarto de hora. Ainda hoje, o Peixoto e Cunha (que aqui não despedir-se porque se vai embora) me contou que o homem ficou amanchucado.

Mas, é claro, como bom jesuíta, recusou porque não podia fazer outra coisa — mas... para depois avançar.

E que avanço será?

Eles são tão inpenetráveis!

Por aqui e, pelo menos, no meu regimento, nada se passou de anormal; eu não reuni oficiais ou sargentos e mostrei q. nada havia que discutir. E perante a pergunta do general sobre o que se dizia e razões do mal-estar ou descontentamento, eu respondi com a nota seguinte:

« Leiria: 9 de Janeiro de 1838. Confidencial n.º 2. — {...} — Com referencia á nota n.º 1, confidencial, de 6 do corrente, informo V... para conhecimento do Sr. General com.º da Rep.ª, de que os diplomas a que a mesma se refere provocá-

raem, muito naturalmente, grande curiosidade entre os officiaes, sargentos e cabos; foram, tambem, naturalmente objecto de conversas e ligeiras discussões — mas tudo com o fim de procurar, cada um, a melhor interpretação para o seu caso e não com intenções de protesto ou má vontade. É certo que alguns officiaes sentiram certo desgosto por abandonarem o serviço mas com preceideram tenn, dentro do espirito disciplinado que tenho reconhecido em todos, o alcance necessario das medidas tomadas. Em conclusão: creio poder afirmar a V... que nesta unidade não se esboçou qual quer sombra de protesto, ou até de simples má vontade e devo patientar que um dos officiaes atypidos, que era tesoureiro do conselho administrativo, continuou, por offerecimento espontaneo a fazer serviço até liquidação do anno economico passado e pôr ao corrente dos assuntos pendentes o official que o substituiu. — (A) B. »

Esta nota que poderá parecer subterfugio, tem a virtude de ser verdadeira. Realmente, tudo assim se passou, mas não satisfez o general que, no dia imediato me mandava « corrigir as annualias ou deficiencias notadas nos diplo-

mas em questão.» Poderia responder que diplomas emanados de cerebros de tão alta capacidade não poderiam ter deficiências ou anomalias... Mas não fui tão loupe porquê, realmente, seria ir loupe de mais. Respondi pacatamente com esta outra nota:

« Leiria, 12 de Janeiro de 1938. — Confidencial n.º 3. — [...] — Respondendo á nota confidencial n.º 6 de 10 do corrente, informo V... p.º conhecimento [...] de que nesta unidade nunca me apresentei qualquer exposição ácerca de deficiências ou anomalias notadas nos diplomas ultimam.º publicados; tudo se passou como resumidamente expuz em minha nota n.º 2, confid.º, de 9 do corrente. Apenas se levantaram algumas dúvidas de interpretação em consequência de certas omissões, mas desfeitas já por explicações dadas superiormente, e outras serão apresentadas a V... nos termos da nota n.º 5 de 10 do corrente, desde que as veja e aprecie como convenientem.º com a rapidez solícitada e necessária. »

Continuava a falar verdade. Tudo se passou assim. E no dia seguinte, 13,

escrevendo ao chefe do Estado-maior Alfredo L. da Cunha, entre outras coisas dizia-lhe:

«... É que me diz a estas alterações ou trapaçadas para empregar eu mesmo decente? Tenho cuidado incansável do meu tudo isto, não pelo meu regime, to sede tudo passou como devia passar, mas pelo meu efeito e pelas consequências inevitáveis que virão dos sucessos. — Eu não sei o que se pensará do γ e de não houve protestos nem simples comentários, quando afinal todas ou quasi todas as unidades se reuniram, reuniram, escreveram, falaram, etc. etc. Eu tenho respondido como tem visto porque, com franqueza, não deveria inventar ou transformar; e tive o consolo de ver que os oficiais e sargentos confiaram absolutamente em mim e a sua atitude foi de completo respeito pelo comando. — Talvez vissem mal e eu talvez também me já mal; mas o Regulamento Disciplinar não sofreu abalo... — Amanhã ou depois, esato mandado, como disse antes, nota de algumas dúvidas ou pedidos de esclarecimentos — e nisto se cifra a contribuição que o triste γ dará para esta des-

graçada crise. — Bem, já estão a falar de mais... E o momento é mais propício para silencio. Tereis-nos, etc. »

Mas, em 14, outra circular do Quartel-General dizia que o general encerrara a recepção de exposições e consultas; que já expusera pessoalmente ao ministro a reentese das reclamações e tudo seria resolvido com inteira justiça...

Isto deu-nos a impressão de medo e de certa desorientação. Chepánuam confidenciais relativas a movimento de carácter extremista, relacionado com espanhóis; diziam as mesmas confidenciais que era necessario cuidado especialmente nas guarnições da fronteira onde o trabalho de aliciamento politico era constante, etc. etc.

Os diripentes não sabiam bem de onde lhes viria a chuva.

Em 20 passou-se a prevenção ligeira, com um piquete armado de prevenção, com permissão de um oficial superior no quartel.

E assim se tem vivido, sempre á espreita de qualquer coisa que niyquem explica com acerto. Mas o que é certo, de tudo isto, é que o Grande Flamen recusou e

teve que sugarir seu péco — se bem que não acreditó que se deixe ir abaixo.

Noticias particulares reproduzem a reunião dos commandos com elle, em Lisboa. Deveria ser coisa "épica": de um lado, um rábula jesuita que encolheu os ombros e se agarrou ás garras pela força das circumstancias; do outro, uma serie de eunucos agalçados que se julgavam com força e saíram, certamente, encautados e satisfeitos da conversação.

Encautados, satisfeitos e, com certeza, corridos.

A carta que copio adiante e é do tenente de Cavalaria Jaime Fausseca, filho do meu tenente-coronel Jaime Tomás de Fausseca, resume outras informações recebidas quer verbais quer escritas.

O Grande Flamenço, como era natural, chamou-os a Todos — e fez reunião bem. Vale mais que todos os commandos reunidos e multiplicados; e, ainda por cima, é jesuita. Logo, deve vencer, e está convencido de que vencerá com estrondo. É questão de tempo e de se sentir seguro. Veremos.

O exercito julga que brinca com elle, julga que tem o poder... boitados dos joelhos d'elles!

Ora a carta é a que se segue. O seu autor foi ajudante do general Domingos de Oliveira e é rapaz muito metido na política situacionista.

«Algés, 11 - Jan.º - 1938 - (...) - O comandante, hoje, tocou a oficiais e fez uma exposição dos assuntos autênticos tratados na reunião com Salazar. Este recebeu-os bastante amavelmente e falou-lhes durante $\frac{3}{4}$ de hora, focando assuntos capitais da vida não só interna como internacional e por último tratou dos últimos tratados diplomáticos publicados a volta dos quais se tem dito o máximo que possa imaginar. No que diz respeito à vida internacional, focou a gravidade da situação e disse que Portugal nunca, em tempo algum, da sua história gozou da consideração e respeito que lhe são prestados actualmente. Enunciou que a própria Inglaterra é quem fez as maiores delapências no sentido dos interesses dos dois países não serem em nada lesados, engrandecendo cada um mais a aliança. Por último e em referência às reformas publicadas, reconheceu haver erros de três categorias, uns impossíveis de realizar, outros anormais e alguns que ele classificou

de barbaridades. — Disse a este que o exercito tinha sido cumprido ao maximum e tanto que até actos de desumamid. Tinha feito e relatou o que se passou em Cacadores 5 com o 2.º command^{te} que foi atrevido pelo limite de idade e vivia em casa do regimento, a quem foi dada ordem de immediato despejo. Isto, dizis ele, era o maximum de espirito militar, porquanto este official era seu entender dever ficar na sua casa até tratar por completo da sua vida. — Todos os erros que já se notaram, alguns por elle mesmo, e todos os que forem apparecendo não ser remediados. Nesta ordem de ideias todos os officiaes que estavam n.º 1 para serem promovidos e que tem todas as condições de promoção que foram atrevidos pelo limite de idade, não ser promovidos na primeira ordem do exercito. Os coroneis que estavam no 4.º grau e já tinham recebido guias por serem atrevidos, foram mandados apresentar novamente afim de continuarem o curso. — Os cabos artifices, ferradores, serralheiros, etc. que perdiam bastante dinheiro continuam a receber o mesmo que até aqui. — Os 1.º sargentos artifices que foram reformados por deixar de existir em seu quadro e não tinham o tempo necessario para reforma, já está

seu estudo o seu caso para ser resolvido da melhor forma possível. Fez também referência ao boato de que o exército o queria correr do governo e que ele se estava opondo ao exército. Sobre este assunto frizou que nunca se opoz nem se oporia, pois se ali estava era porque o exército lá o tinha posto e que se esse mesmo exército quizesse, depor-se imediatamente a sua pasta, mas ficaria depois o exército com a responsabilidade do que depois viesse a suceder. Fez ver a ruína que viria ao país de qualquer manifestação de desobediência neste momento, etc. etc. — Estes são os pontos mais importantes. — Todos os coronéis de lá vieram com a melhor das impressões e fazendo-lhe justiça. — A atmosfera agora está melhor de uma maneira geral. { . . . } — Seu filho m.^{to} amigo (a) Jaime. »

O Tenente Jaime não tem grandes noções de estilo literário, mas a carta fala como escritura. . . . O Grande Homem falou-lhes com a habilidade de jesuíta e começou com todas as regras. Declarou-se indigenuo, anunciou perigos novos que viriam da sua retirada — e os coronéis ficaram babados de gozo e « vieram com

a melhor das impressões... » Gostaria muito de assistir a esse espectáculo que devia dar lugar ao Salazar a medida do valor moral do exercito.

E julga o exercito que é ele quem manda! Coitado dele.

Leiria.

Janeiro: 28.

Passa hoje o 30.^o anniversario de uma revolução abortada em 18.^a era qual os dissidentes do José Alpoim entravam de braço dado com os republicanos. Já lá vão 30 annos... Estava eu então em Valença do Minho muito tranquiilo da m.^a vida.

Bem. Eram outros tempos que, na verd.^e, fazem dizer: as voltas que o mundo dá! E realmente dá muitas voltas...

Isto vem a propósito, ou melhor, a despropósito do grande escandalo de hoje, da bomba que hoje rebenta.

Ora veja-se:

A ordem á Regia^o n.^o 6, de ontem, e hoje aqui recebida, comunica entre outras coisas o seguinte:

« 1.^o Louvares:

Que, por determinação de S. M.^a o Ministro da Guerra, levea os officiaes abai

xo designados por "voluntaria e desinteressadamente, terem cooperado na instrucção ministrada aos filiados na Legião Portuguesa, demonstrando com o seu gesto possuírem um elevado espirito de civismo, zelo e dedicação pela causa publica, tornando-se assim credores do reconhecimento dos poderes publicos."

Regimento de Infantaria n.º 7:

Coronel Belisario Pimenta,

Tenente Antonio Paula Santos e

Tenente José de Oliveira Neto.»

Era o que me faltava! Louvado seja o «espirito de civismo, zelo e dedicação á causa publica» demonstrados na cooperação á Legião!

O que irá, por aí, de comentários e de risinhos! E estão os meus illustres amigos de Coimbra, quando souberem, o que dirão!

O caso, porém, explica-se facilmente; e aqui deixo a explicação — não vá um dia a História lançar-me em causa a acusação de legionario...

O meu Ten.-cor.º Jaime Tomás da Fonseca queria ser o commandante distrital da Legião; a sua vaidade não admitia que outro qualquer official fosse capaz de

exercer o cargo. Aconteceu, porém, que o primeiro nomeado fosse o major de Art. Maria Henrique Pereira do Vale, meu velho adversário político e de quem me está sempre a dizer mal. Passado algum tempo, o Pereira do Vale foi demobido sem que meu para que por investigação (dizia-se á boca pequena) do dr. Bissainha Barreto e foi proposto, aceite e nomeado o capitão do meu regimento Ramos Silva, não só adversário mas inimigo do tenente-coronel Fonseca, na altura em q. este fazia esforços e media altos empenhos para ocupar o cargo.

Dagui meu continua luta entre o tenente coronel, como 2.º command.º do regimento e o capitão como commandante da Legião. O tenente-coronel opunha-se sempre a todas as solicitações da Legião, informava mal, etc. e eu tinha constantemente de o chamar á ordem e fazer-lhe ver a razão. Muitas vezes, em officios do Ramos Silva, o Fonseca junta a informação: « Não pôde ser concedido o solicitado »; e eu, depois dum perreus, junta, por baixo, o seguinte despacho: « Concedido. »

Uma vez que acabar com este disse-lhe direi eu, determinando que os rela-

ções entre a Legião e o Regimento ficavam dispensadas das informações do 2º comandante deste; e que a correspondência daquela vinha directamente ao comando da unidade.

Acalhei assim com a intervenção de Fonseca, sempre vingativo e despeitado, que me obrigava a constante atenção para evitar conflitos.

Ora o Ramos Silva expoz o caso ao general Casimiro Teles, comandante geral da Legião e, sem eu saber, propoz o louvãr. Não sei se o Teles concordaria muito, mas a verdade é que o louvãr veio, por surpreza e com certa graça, diga-se a verdade.

Tera, pois, o que me faltava. Apenas concedia à Legião o que o ministro da Guerra autorizou — e mais nada. Mantive-me indiferente perante a criação desse arpanismo politico, mas não deixei que o meu ten.º car.º me collocasse em conflito, com esses novos defensores da situação, simplesmente porque é um despeitado e um melhaco.

E aqui está a origem do louvãr. Simplesmente o despeito e o melhacaria do meu 2º comandante fizeram com que a minha atitude pudesse parecer de «cooperação» e simpatia pelos legionarios. A

Historia, pois, que tem a conta do caso que aqui fica exposto não porque me queira defender, mas para dar, como dizia Fernando Lopes uma «clara certidão da verdade.»

Mas, realmente, francamente francuizinha, é caso para dar parte... Eu, dado por legionário zeloso e dedicado... é, na verdade, de escacha!

Quando adiante o extracto da ordem regimental, para documentar devidamente o episodio.⁽¹⁾

É pronto. Não se fala mais nisso.

Leiria.

Fevereiro: 9.

Para mostrar, como curiosidades, modelos de literatura militar, quando, neste volume, copia da despedida do general Alberto Guerreiro Peixoto e Cunha que tinha o comando da Região e a proclamação do brigadeiro Cunha Menezes que assumiu o mesmo comando.

Qualquer das peças se publicáram na ordem da Região e parece-me que vale a pena guardarem-se para proveito e exemplo...⁽²⁾

(1) No final do vol. a pag. 407.

(2) No final do vol. a pag. 407-413.

Torres Novas.

Março: 14.

Depois de considerado apto na Junta de Inspeção q. reuniu no Hospital da Lethela em 25 de Fevereiro passado, aqui estive em Torres Novas, na Escola Pratica de Cavalaria, desde ontem á noite, para effeito de estagios preparatorios para o curso de Caxias e mais provas superiores.

E' a maior aventura, talvez (ou com certeza) em que me vejo envolvido desde que me conheço.

O que é que paira' daqui, com ~~com~~ o meu temperam.^{to}, os meus habitos e as minhas predilecções todas contrarias a isto em que me vejo envolvido?

Se conseguirmos chegar ao fim, verificarei que eu sou muito esperto ou os instructores, assistentes e examinadores ~~nao~~ inferiores, não direi em absoluto mas quasi...

E depois...

Outrem, a seguir ao jantar, na sala da Escola, os oito ou nove coronéis que primeiro chegaram, ao fazerem horas para deitar, conversaram, como é natural. Eramos todos de 55 annos para cima. Pois a conversação não teve qualquer aspecto elevado como seria de esperar em creaturas

que se propõem a generais; caem simplesmente na anedota fresca, ás vezes obsecradora, com recordações de cênas socalerosas da mocidade.

A mentalid.^{de} em que me vejo envolvido é esta. E não dá para mais.

Commeçáram os trabalhos. O coronel retirado Manuel Latino é o director do esquadro. Mantém a mesma antiga linha do cavaleiro dos concursos e por varias vezes nos falou como perceptor, e por igual numero de vezes disse asneiras e banalidades, ceitado, porque não é capaz de outra coisa.

Diz-se, por ex.^o, que o official de Cavalaria não pode ser metódico nem ponderado: tem de ser um pouco maluco... nem o q. não é cavaleiro!

Parece um bom ratão. E dizem que é boa pessoa.

De mais, verifico, de novo, a dedicação e espirito de arma, na officialid.^{de} da Escola Prática. Realmente trabalham e sabem do officio, principalmente o major Afonso Talia de Sousa Botelho, a alma da Escola e que é bem a expressão mais completa do official moderno, que sabe aliar o existente ás necessidades da evolução e o valor da ciencia ás exigencias da pratica.

Terras Novas:

Março: 18

Termináramos os trabalhos. O Manuel Latino encerrou-os com uma frase de génio:

— U.É. ^{as} viram trabalhar a Cavalaria em todas as suas modalidades: desde a esquadra de linha á Crispada hipotética...

Foi assim que o futuro Crispadeiro dirigiu o estágio: o seu esforço mental foi moderado; o cansaço foi mínimo. Exporções pitorescas sempre a lembrar o antigo cavaleiro dos concursos, exuberante nas suas narinas.

Dou conselhos e, alguns, censuratos, diga-se a verdade; e teve sempre o cuidado de não entrar nos assuntos de maneio precisa, porque, de certo, não se seria capaz de o fazer. Foi, porém, simpático e algumas vezes fez rir com a forma descuidada com que dava os seus conselhos.

Uma vez disse-nos que nunca nos esqueceremos, no exame final, de aplicar a aviação. E explicava:

— Sim, porque se eles lá fazem aparecer uma esquadriha é para lhe dar missão. Não se esqueçam! É qualquer missão que seja, mesmo que seja a de mandar saber se chove lá em baixo...

E assim, entre o pitoresco das falas do Manuel Latino e a seriedade e honestidade das preleções do major Afonso Botelho, se passaram cinco dias.

E meus mal.

Tavcos.

Abril: 27.

Um balauada, de Escola Prática para Escola Prática, não fica tempo para impressões como tentei em Torres Novas.

De 21 a 25 de Março em Vendas Novas na Escola Prática de Artelmaria; de 29 de Março a 2 de Abril, em Lisboa, na Escola de Transmissões, na Rua de França; de 6 a 12 de Abril, na Escola de Aeronautica, em Sintra, onde fiz dois vôos magníficos em 7 e 8. E agora, aqui em Tavcos, desde 21, ás voltas com a Teupenharia, mas só a da Escola Prática como a do Batalhão de Pontoneiros.

Ora não quero deixar de lembrar que nesta barafunda de estápios me encontrei obrigado, aqui, a fazer versos...

E deixarei arquivadas essas produções poéticas, nascidas da enfadada vaidade do actual comandante da Escola de Teupenharia, major Soares Lima (interino) no ha muito tempo, mercê de favores do

actual sub-secretario da Guerra) que é
completo no genero aldrabas e na espe-
cie marista.

Pela epigrafe se verá mais ou me-
nos do que se trata:

« Pedido feito ao coronel Ribeiro da Fon-
" seca, director da Aeronautica, durante
" uma conferencia que durou 4 horas e 20
" minutos feita pelo major Soares Lima.
" O pedido foi mandado ao seu destino
" quando a conferencia durava já ha 3 ho-
" ras e 30 minutos:

« Oh Ribeiro da Fonseca!
Você que é homem de accão,
Veja lá se é capaz
De nos livrar do Lima.

« Corvide-o para voar:
Pegue nele seu cagaço!
E em chapado aos 1:000 metros,
Atire com ele ao espaço.

« Mas como oigo dizer
(Não sei se será verdade)
Que ele tem por privilegio
Resistencia á gravidade,

« É sempre bom, oia bem!
 Sem lhe quebras nenhum osso,
 Antes de o deixar cair
 Torcer-lhe bem o pescoço... »

O Ribeiro da Fonseca, velho aviador e actualmente director da aeronautica militar, faz parte da turma de coronéis estagiarios.

A mensagem teve exito, andou de mão em mão. Mas sei se alguma crítica fez ~~com~~ com que o risado a lãse. O que real é que o autor nunca se identificou bem. Houve até uma corrente entre os estagiarios que dizia que o autor deveria ser o José Rodrigues Baptista, talvez por ser formado em direito...

Mas não fiquei por aqui em mensagem. Fiz correr esta outra cuja autoria ficou tambem desconhecida:

« Sátira ao major Soares Lima, em forma de estrofe piudaria:

« De imponente, magnifico!
 Aspecto de sabichão:
 Saber profundo, mirifico!
 Mas no intimo, no rao,
 É aldrabão! »

Cosas inocentes, como se vê, e que não fazem mal a ninguém. E sempre eram um desafio...

Leiria:

Maio: 12.

Apresentei-me hoje no regimento depois de correr as Escolas Práticas. Tanco acabou em 28 de Abril; depois ainda estive na Escola de Mafra de 4 a 10 deste mês. Da visita a cada escola tive que fazer um relatório — peça que escrevi com forma literária mas creio que sem sucesso; é possível, porém, que agradasse.

E aqui estão novamente, à espera de novo grupo de coronéis corra como eu as escolas práticas para depois irmos conjuntamente para Caxias — para essa espécie de universidade militar.

Esperêmos, pois, com paciência pela aventura em que me vou meter.

Leiria.

Junho: 12.

Foi hoje uma carta para o Tomás de Sousa. Trata-se ainda do artigo acerca do Caminho de Boialvo que eu julgava em prensa na Revista Militar. A carta ficou em o n.º 129, a pag. 133 do vol.º respectivo.

Leiria.

Junho: 16

Outra carta... Muito escrevo eu! Des-
faço-me em epistolas, co' os diabolos!

Hoje é para o Gastão de Melo de Matos,
simples carta de atenção a-proposição de refe-
rencias que me faz em arbigão publicado
no Boletim do Arquivo Hist. Militar.

Fica no vol. respectivo, a pag. 195, com
o n.º 130, de ordem.

Leiria

Julho: 31.

Mais outra carta, ao fim de mês e
meio de vida monótona, eultra cheia de
trabalho. É para o Ferreira Lima, e ven-
ta variados assuntos.

É um bom amigo, este Ferreira Lima.
Quando lhe escrevo sinto-me bem, como
se conversasse á boa paz no seu gabinete
do Arquivo ou no seu escritório de residen-
cia, sentado em cadeira garratueana, e no
leado de objectos e recordações do Poeta
das Folhas Caidas. E sem querer, deixo cor-
rer a pena e sai epistola de lingua da Po-
vra, como se não tivesse q. fazer mais
nada.

A carta fica no vol. respectivo, com o
n.º 131 a pag. 195.

Leiria

Agosto: 8.

Ha dias, o ajudante do regimento, o tenente Ant.^o Paula Santos, mostrou-me uma carta do coronel José Tristão de Bettencourt, na qual, como futuro comandante de Inf.^o 7, dava certas indicações sobre alojamento, impedido, etc.

Achei estranho que este coronel escrevesse assim ao ajudante, sem qualquer atenção p.^a comigo. Mas o principal foi que esta carta veio dar-me rebate de que iria ser desalojado do comando — sem qualquer aviso ou atenção.

Os tempos vão assim.

Depois, um dos meus majores que foi a Lisboa ha dias, tambem me deu parte de que custava a m.^a saída do regim.^{to} p.^a dar lugar a outro...

É hoje, finalmente, chepa-me o aviso, quasi official, do proximo despejo. Vou ser transferido para o Distrito de Recrutamento e Reserva n.^o 7 para dar lugar ao coronel Bettencourt que quiz vir para Leiria porque tem casa em S. Martinho do Porto para passar o verão e não lhe convinha ir para Braga ou Beja ou qual quer outro comando em cascos de nôta.

Os tempos vão assim...

Tudo isto provocou mais uma carta ao chefe do Est. Maior, Alfredo Ernesto da Cunha, que é como segue:

«... Já me tinham aqui chegado certos zuns-zuns de breve ordem de despejo. O major que ho dias foi ao enterro do miliciano morto em Espanha, serviu alguma coisa nesse sentido ao chefe do gabinete do ministro. Mas muito olivado pelo seu aviso e pela explicação que me dá dos motivos. Tenho a consciencia de que não haveria outra razão para a baixa de posto. E assim ficaram todos servidos: o Bet. Rousseau, eu que não mudo de casa e terei mais tempo p.^a estudar e ainda esse Quartel-general que se não livre dum command.^{ta} de unidade imperfeitamente e pouco adaptavel. — Escusado será dizer que no Dist.^o de Recrut.^{to} o meu presado coronel continúa a ter o mesmo colaborador e amigo leal que tenho procurado ser em tudo. — Quanto á ult.^a parte do seu cartão (caso Damasceno) é para que essas coisas se dêem; mas eu ando a ver a trovada a acumular-se e a prevenir a descarga — e sem poder arranjar derivação. — Creia-me sempre, etc.»

Leiria.

Agosto: 20.

Assumi ontem a chefia do Distrito de Recrutamento n.º 7 em virtude do portaria de 6 do corrente publicada na Ordem do Ex.º n.º 12, 2.ª serie, de 15.

Fui abastido ao effectivo do regimento em 18 e aqui estou, feito reanypa de alpaca á espera de que me chamem para boxias, p.º continuar a aventura.

Ora aqui, com mais vagar e mais tranquillid.º, será o cavião de fazer resumo ou apauhado de um certo numero de coisas que não deixarão de ficar bem neste conjunto de memorias que um dia poderei reparar como capitulo de «atribuições dum command.º de regimento...»

E exactamente porque deixei de comandar o 7, vou contar historias ou historietas desse periodo curioso da m.ª vida que ontem teve desfecho com uma nota confidencial que adiante se verá.

Comencarei...

Comencarei por dizer que tinha más impressões do regimento. O regimento de Infant.º 7 foi sempre real considerado e principalmente; nos ult.ºs tempos, depois de 28 de Maio, a vida regimental era pes rima. O general Lacerda Machado deu a

entender isso e, em especial, quanto a ins-
trução dos oficiais; o Cunha, chefe do 1.º
Maio mais ou menos ~~comandante~~ reforçou
a informação, carregando principalmente
no major Jaime Tomaz da Fonseca que é
sabido de todos pretender ser o dono da
unidade.

Mas estas informações eram dadas ao
de leve, em conversas, quando casual-
mente lhes falava e nunca como infor-
mação concreta de chefes a um futuro co-
mand^{te} como deveria ser, ou como ins-
tuições necessárias para cortar abusos
acompanhadas de afirmações de apoio.

Foi assim que assumi o comando
que aliás ia exercer pela 1.ª vez na minha
vida. Cheguei quasi ao fim da carreira e
quasi ao final da vida e pela primeira
vez me deu a honra dum comando!

aos 57 anos de idade...

Como aqui já deixei escrito, lá para
traz, tive má impressão de entrada e tal
ela foi que repentinamente me arrependi de ter
vindo. O quartel, o pessoal, tudo me
deixou impressão desagradavel e desani-
madora.

Seria eu capaz de fazer alguma coisa
d aquilo? Pessoal que não tem brío para
se apresentar decentemente perante no

no comandante seria susceptível de melhorar? Em tudo se reflectia o moral do regimento: desde o fardamento dos soldados até a biblioteca.

É realmente, cheio de farsas, como dono e creatura superior, o major Tomás da Fonseca que entre varias coisas logo de entrada me disse ser « descendente do clero... »

Assim mesmo: descendente do clero. Queris ele dizer que era filho de um padre e arranjou aquella frase mais sonora...

É em ambiente de compadris, baixa indria e certas immoralidades, ia eu fazer experiencia de comando, aos 57 annos de idade e 37 de serviço, com a minha boa-fé e certa hypenuidade de quem ainda acredita na piedade e na boa-fé dos outros. Fui tratado com todas as cautelas, lá ia ~~com~~ com o maior cuidado nas informações do Fonseca (que deue-riam ser quasi sempre falsas ou pelo menos tendenciosas), procurava conhecer as creaturas com quem ia lidar, etc. etc. Parecia q. atravessava matagal serrado, com receio de poder pisar ou arreadilha ou bicharôco máo que me mordesse...

Ora para ir arquivando impressões de certos factos, comecei a tomar notas do que via e sabia, para me não esquecer e ter onde recorrer quando fosse necessario e a me memoria falhasse.

Agora, que vou juntar tudo, pergunto se valerá a pena escrevê-las. Na maior parte são memórias, tapalhas que farão rir no futuro quem vier a ler isto. Mas... essas memórias e tapalhas dão perfeitamente a medida do que era o regimento e, até certo ponto, a mentalidade do exercito em geral.

Vamos, pois, a elas. E aqui ficam em longa série bem aborrecida p.^a mim. Mas, enfim...

1)

O tenente-ajudante, Ant.^o de Paula Santos, é quem costuma servir de contra-regra em casos especiais, para que tudo corra bem. Assim, antes de eu chegar ao quartel, é ele que, todos os dias, verifica se o corneteiro está atento para fazer o toque de sentido. Isto mostra q., quando falta o contra-regra, os actores não sabem a deixa e as coisas páem tortas.

2)

O corneteiro da guarda dormia, normalmente (antes de eu assumir o comando)

na caserna da sua companhia. Nunca se
 ensinou aos actuaes cardeiros esse dever
 elementar — e já estão ao serviço ha cerca
 de dez mezes!

3)

Ha um musico, ainda cabo, que costu-
 mava estar a vender numa mercearia,
 ao balcão, fardado, nos dias da feira (Do-
 mingos e Terças). A' hora mais concen-
 da e de maior movimento, ninguém, do
 regimento, dava por tal! Foi necessario
 eu dar por isso, um dia.

4)

Quando as dispensas ou licenças poli-
 citadas excediam o numero das autoriza-
 das, os soldados que ficavam excluidos di-
 ripiam-se ás casas dos officiais e por seu
 intermédio ou das esposas, conseguiam a
 licença ou dispensa desejada mediante um
 simples bilhete para o official de dia que es-
 tivesse no quartel. E eles lá iam muito sa-
 tisfeitos para casa.

5)

Ha no regimento dois capitães: um
 Joaquim da Costa Ferreira, outro Mario Ra-
 mos Silva, ambos d'ouros ou socios de colé-
 gios em Leiria. Como officiais do mesmo
 officio, não se podem ver. O serviço ressu-
 te-se, e' claro, desta immixtade e até se

contam varias anedotas a respeito de cada um que dão a medida das suas qualidades pessoais.

6)

Um dia em que o Julio Garcia de Leucastre, ao tempo 2.^o command.^{te}, entrou no edificio do quartel pela porta das armas e não, como era costume, pela da secretaria, a portinela não fez a continencia. Interrogado pela falta cometida, o rapaz, muito atrapalhado, disse que não fizera a continencia porque o sr. Tenente-coronel não viera por sude devia vir e teve duvidas!... Isto não é anedota, é caso veridico e não foi unico. É o manual, quasi, porque assim são educados os soldados em Inf.^o 7.

7)

Outro dia em que eu entrei no quartel pelo lado nascente, houve grande atrapalhão no pessoal da guarda. Todos espiavam a rua do lado poente, por onde sempre ia p.^o a unidade; e quando eu surgiu pelo lado contrario, á esquerda da igreja do S.^{to} Agostinho, a cena foi indisciplinavel! Um dos soldados da guarda correu de tal modo que deu com o ponto de mira da espingarda no queixo do cometeiro da guarda e o feriu bastante, com largo rasgão na face quasi até á carobida. Eu entrei no quartel sem o toque

regulamentar de perdido; e o carcereiro, depois de pouco tempo, foi para o hospital onde ainda ficou bastante tempo.

8)

Verifiquei que havia o habito de certos officiais e carpentos tomarem de ponta os soldados quando lhes não caiam em graça. A soldadesca tinha de se sujeitar a tudo sem fugir nem murmurar porque sentiam que ninguem os amparava, que seriam sacrificados. E como o homem da região é naturalmente pacato, bonacheirão, habituado a viver debaixo de tutela de padres, os soldados lá se resignavam a tudo esperando apenas o dia da libertação quando lhes chegasse o licenciamento.

9)

Vim a saber, aos poucos, que a chamada exploração agrícola, autorizada superiormente, alimentava algumas casas de officiais, em couves, frutas, feijões, melões, etc. Que em certas casas se sustentavam galinhas com a ração do gado. Que no quartel se matavam porcos, mas sei bem se os comprados fora, se os de dentro, que por qualquer processo eram entregados aos direitos e quem sabe se, até, a fiscalização dos serviços de saúde.

Por fim, um estendal de miserias q. faz com que a classe tenha, na terra, cotação baixíssima. E ainda superior a tudo e quasi simbolo, o major Jaime Faureza cujos escrúpulos são muitos em todos os ramos.

E a respeito deste fui também tomando notas varias que aqui ficam arquivadas — com a certeza de que não reproduzem o verdadeiro real da situação.

Ainda é superior ao q. aqui fica.

Ora vamos lá... Pode ser que isto um dia seja preciso.

1)

Logo de entrada, de certo porque lhe está na massa do paupere, mostrou a preocupação de influenciar o comando ou até domina-lo pela maneira especial de informar, sempre com tom de autoridade e com a frase habitual: « eu, se fosse o comando, faria... etc. » E essa preocupação era tão evidente que, se ás vezes, eu opposse qualquer objecção (por experiencia que fazia para confirmar as suspeitas) ele tomava attitude grave e dizia:

— O que V.ª disser é que se faz... As ordens do comandante cumprem-se.



2)

Eu sabia que entre o regim.^{to} de Infantaria e o de Artilharia não havia boas relações e até isso me foi dito no Quartel-General pelo chefe do Estado-maior como consilite para eu fazer desaparecer esse mal-estar. Ora as razões meem do começo desta situação politica por questões de mando: o major Fonseca queria ser o governador civil e o cargo foi para o major Pereira do Vale. Daqui a lula.

Quando este deixou o lugar foi para ele nomeado um capitão do 7, José Rodrigues da S.^a Mendes que se cercou de officiais de Infantaria e correu com os artilheiros. Etc. etc.

Assim se estabeleceu o mal estar q. quasi não dura já porque a rivalid.^{de} se limita a meia-duzia; e já teria acabado se os command.^{tes} de Inf.^a 7 não tivessem tomado as dôres por estes cavalheiros politicos que se estribam no espirito de corpo.

Ora um dos ~~meios~~ prim.^{os} cuidados do major Jaime Fonseca foi injectar meo meo acerca dos artilheiros. Todos os dias, se pode dizer, ao trazer-me a correspondencia para despacho, me dava uma injeção de odio. Eu fazia de conta que me não interessava, embora ouvisse com



a maior atenção. Um dia, cheguei a dizer-lhe, a respeito de qualquer assunto, q̄ não costumava fazer obra simplesmente pelo q̄ me diziam e, em especial, quando o que me diziam era em desabono de outros, e ainda acrescentei que ficava fazendo má ideia da pessoa que assim falasse quando a realidade se não confirmava ou ainda quando era contraria aos factos.

Creio que o homem percebeu ainda em queira chegar porque, deante dele, algumas vezes disse que sympathizava com os anélheiros e que só recebia deles provas de cortesia e de consideração. Depois disto deixou de dar a injeção habitual, mas quando podia fazer uma esfregaça na Aneltharia, não perdia a occasião.

3)

Quando se trata dos officiais do regimento, tambem não perde occasião, em geral, de lhes ser desagradavel. De ás vezes (e já de proposito) lhe peço informações, raras são as que vêm boas. Sempre tem que insinuar qualquer coisa em desabono.

Ha alguns officiais a quem faz boas referencias, mas são raros; e quando as-

seu acontece, tem sempre q. explicar qual
 quer caso em que aparece a sua influencia
 benéfica, o seu prestígio pessoal ou a sua
 acção disciplinadora p.º justificar as boas
 qualidades do informado.

4)

Pelo subúndulo de 1937, o command.^{te} da
 Camp.^{te} de Depósito, o capitão João Pereira Pas-
 coal, deu certo numero de licenças e dis-
 pensas nos termos das instruções que eu
 lhe dáva, com recomendações p.º não autó-
 rizar nenhum sold.^o a solicitar, particu-
 larmente, dispensa ou licença que lhe
 não fosse concedida, tendo que assim re-
 fez. Porém, na 3.^a feira, dia máximo do
 subúndulo, o major chamou-me ao telefo-
 me e depois de prologo amêno em que apo-
 lou para os meus sentimentos democrati-
 cos (sic) disse que me queria dar conheci-
 mento de que concedera certo numero de
 dispensas além das que o capitão dáva por
 que tinha bom coração e calculava que os
 rapazes gostariam de se divertir, etc. etc.
 E perguntando-me eu porque motivo pro-
 cedera assim sem meu antecipado conhe-
 cimento, contou q. mandára o seu impre-
 dido (que se queixára de não ter dispensa)
 solicitar do cap.^{te} Pascoal a autorização de-
 vida e como este official negasse, ele eu-

tendeu que, para seu prestígio não poderia conceder aquela dispensa, como antes a todos os que quizessem e não fizessem falta ao serviço. E nestes termos telefonou p.^a a secretária dando essas ordens — depois das quais, bastante tempo depois, me chamaram para conhecimento...

E eu exaltei-me um pouco e disse-lhe umas verdades duras, de mais a mais facilitadas por serem ditas ao telefone. E não dei contra-ordem porque a soldadesca beneficiada já ia toda a caminho das terras.

E enfim: tudo isto arripinado no favor ao impedido e no prestígio pessoal...

5)

O impedido costuma ser mandado para a fazenda que tem em Carvide, perto de Vieira de Leiria, onde o pai foi porco-quari toda a sua vida. Conta-se, até, que p.^a compensar a despesa que o rapaz possa fazer com a corrida, que naturalmente é obrigada a dar-lhe, recebe-lhe o gré e fica com ele... Isto afirma-se abertamente e de forma clara.

6)

Um dia, em Maio de 937, apareceu-me uma participação contra um solda-

do condutor que desobedeceu ao vago-
mestre quando este lhe mandou limpar o
cavalo praça do major Fonseca. O solda-
do recalcitrava porque nesse dia já lim-
para dois. Palavra por palavra, o fur-
riel obrigou-o e participou com parte
carregada.

Ora o que foi?... É que o sold.º disse-
ra que não ia limpar o cavalo que o im-
pedido do major tinha obrigação de lim-
par e ~~que~~ que este o não fazia porque es-
tava a trabalhar no quintá. E como o fur-
riel recebeu isto ao major, concertou-se
a participação carregada com testemu-
nhas obrigadas, perante ameaças, e di-
zerem o que não vieram.

Belizmente, o caso desmascarou-se a
tempo e não pratiquei injustiça. Guar-
dei a participação com as averiguações
mandadas fazer e não lhe dei qualquer
auxílio. E como curiosid.º aqui a
junto p.ª memoria. (1)

7)

Ainda por causa do impedido, o 1.º
sargento Francisco Belvas caiu no des-
grado do major. Um dia o impedido fal-
tou e o 1.º sargento deu-o em falta. Desta

(1) Fica guardada numa pasta com docum.º
do meu comando. Ad memoria!

falta, veio a averiguar-se que o rapaz esteve na propried. de Barroide e que ele, o major, recelía o jué como espezençação para a despesa que o rapaz lhe fazia com a comida na quinta!

Isó transpirou, foi començado e, por consequente aumentado. O caso o 1.º parento foi a causa de tudo, o major votou-lhe a má vontade q. costuma votar nestes casos. Além disso, o seu informadôr era, quando para cá vim, um 2.º parento Barros, ultimamente perdido por falta de terio militar e civico; e como este Barros tambem não gostasse do Relvas, um dia a perdicaõ deste foi combinada.

O certo é que, uma vez, o major me disse ter informações de que, na Camp.ª do Defronto havia irregularidades na administração do dinheiro e que ia procurar saber do que se tratava. Como me falasse em dinheiro eu disse vagamente um "está bem", ou "faz muito bem", e deixei passar o tempo, tomando a informação como particular. A certa altura, porém, comecei a receber notas confidenciais das Administrações de concelhos, respostas a notas que o Fonseca mandava p. serem devidos soldados licenciados, — tudo sem meu conhecimento! Tratava-se, porém,

de questões de dinheiro e dum sargento considerado suspeito á politica dominante; não quiz, pois, ter qualquer intervenção que podesse parecer parcialidade.

O major Krabakava dia e noite na taverna; o seu escrivão era o tal sargento Barros, o acusador e ás vezes ia Krabakava para a sala dos sargentos e mandava sair os que lá estavam a ler jornais ou a jogar o gamão.

Enfim, um dia, appareceu-me elle, polleu, com um caderno de papel na mão dizendo que concluiu as suas investigações e nada se apurára de concreto; ficára apenas a suspeita de que haveria irregularidades, a ponto de os escriptães declarárem q. não tinham conhecimento de certos serviços no depósito, etc. Contudo concluiu por não se poder tomar procedimento disciplinar para evitar que se levantasse o rêm a certas applicações de dinheiro ilegais que ha anos se faziam.

Eu tambem concluí que as conclusões que elle me expoz eram consequencia do medo que teve de ser embarralhado nas ditas irregularidades — o que não o levou a que fosse accusando os outros de maus serviços, de faltas e até de incompetencia.

Ao mesmo tempo que fez a exposição que cito, apresentou o requerimento do 1.º sargento Relvas em que este pede transferência para Inf.º 20 com a informação dele, verbal, de que o deveria deixar ir embora por ser pessimo elemento, etc.

Eu, a tudo isto, respondi apenas com um rago: "foi melhor assim..." E a seguir, ainda acrescentei:

— Quero acreditar que, na verdade, nada havia para apurar...

Não sei se ele percebeu.

Quanto ao requerimento, disse-lhe que o não deixava seguir sem ouvir o requerente; entendia que ninguém devia sair do regimento sem eu saber porque motivo. Ele insistia:

— Não esteja V. com essas considerações com tais creaturas... E' manda-lo embora e que não olhe para trás.

Fiz que não ouvi. Mandeí chamar o Relvas e perguntei-lhe porq. se queria ir embora. Ele, comovido, com os olhos avermelhados, falou vagamente em más vontades, perseguições, etc. e não desejava que, por causa dele, houvesse qualquer novidade, etc. Eu respondi-lhe simplesmente:

— Parece-me que a pessoa que lhe pôde mostrar má vontade no regimento sou eu. Enquanto eu lhe não mostrar não vejo razões p.^a sair. Continue a ser bom sargento e não haverá novidade.

E assim terminou o incidente. Não sei se andei bem ou mal. Talvez não procedesse muito bem, mas pelo procedimento em si não pelos malandros que me cercam — q. o não a valer.

Passado tempo, o Fonseca propuz-me pelo regim.^{to} do Belvas. Respondi simplesmente com ar de enfado:

— Ah!... resolvi não lhe dar auxilio. Guardei-o. ⁽¹⁾

8)

Ainda, a propósito do 1.^o sargento F. Belvas: um dia, o capitão Gomes Teixeira, command.^{te} da Comp.^a do Depósito, fez-me saber que gostaria de não ter por 1.^o sargento da mesma o Belvas; como na altura houvera aquele caso da rendição e ficara sempre suspeito e por isso não tinha confiança completa, etc. e etc. Ora isto foi exposto com a devida redundância pelo major Fonseca; fiquei,

(1) Na pasta de docum.^{to} do commando.

pois, desconfiado e falei no assunto ao ajudante para saber o que havia, no regulamento, acerca de prestações; e como no regulamento nada havia de especial, mandei dizer ao capitão que ele tinha, muito na sua mão, maneira de meter o 1.º sargento no ordenem se faltasse ao cumprimento dos seus deveres. E julguei o caso arrumado.

Quinze dias depois, apparece-me 1.º despacho, uma proposta de louvôr ao 1.º sarg.º Franc.º Beluas, assinada pelo capitão Gomes Teixeira! E por baixo, a informação do major Fonseca, offendo-se ao louvôr em termos sufficientes para originar uma emblemada no regimento. Ora o que fôra?

Na vespera, o major consultára o capitão por qualquer questionculha que não averigui; o capitão respondeu como transmontano que é e para se vingar propôz o louvôr no dia seguinte...

É claro que não approvei o louvôr mas guardei-o para melhor oportunidade — que não chegou, não sei se para bem se para mal. ⁽¹⁾

Ora como se ha-de commandar um

⁽¹⁾ Ver a parte de docum.º citada.

regimento com oficiais desta categoria e com tal mentalidade?

9)

E ainda o 1.º sargento Pêluas...

Em 4 de Agosto de 1937 este sargento pediu licença disciplinar, nos termos do art.º 109 do respectivo regulam.º O Fonseca, que não perde a ocasião, informou da seguinte maneira: « Não tem punições alguma q. impeça o regimento da licença, mas não o considero em boas condições morais p.º gozar o prêmio de licença oficial. (a) Fonseca, major. »

Em despacho da seg.ª maneira: « Vista a todas as condições do art.º 109 do R.D.M. » E lá foi assim p.º o Quartel-General, com gaudío, certam.º, dos sargentos que deviam ter tido tudo.

Pois apesar destas e de outros, manteve p.º como o mesmo servilismo.

10)

Depois da revolta comunista da Mariúba Grande, há uns anos, o Fonseca foi comandar qualquer destacamento p.º o Alentejo. Como o destacam.º era composto por forças de varias proveniências, o major, p.º alegar serviços, quiz procurar saber as opiniões dos seus oficiais e sargentos — e para isso encarregou um

cabo da Companhia de Saúde que actual-
mente está adido ao regim.^{to} de Inf.^{ta} n.º 5,
nas Caldas da Rainha.

Não sei bem o resto. Só sei que, na
volta para Leiria o major, malhado-se
do ascaudante que alcançara sobre o cabo,
propoz-lhe a venda de uma motocicleta
que tinha, já um pouco avariada. O cabo
comprou-a e pouco depois sentiu-se in-
trujado... E quiz desfazer o contracto.

Confesso que não sei bem a historia,
mas o cabo ameaçou o major de contar
tudo; o major ameaçou o cabo mas co-
mo esta estava com trunfos não mãos e
requeros, o major teve de ceder e fazer-
lhe uma declaração de que não o perse-
quiria em caso nenhum.

Isto parece má lingua ou fantasia.
Mas quem me contou o caso é pessoa sé-
ria e não inventava; era incapaz de o
fazer. Por isso aqui fica.

11)

Da chamada exploração agrícola-je-
cuaris da cerca do regimento, tiram-se
couves, feijão, batatas, cebolas, etc. Estes
generos são pesados e administrados pe-
lo Com.^o Administrativo, debaixo da direc-
ção do major Fonseca. Pois a direcção
dele é tal que, no ~~ano~~ ano de 1937, só em

28
 couves e batatas, para casa dele, foram
 p.^o cima de 100 quilos tirados aos direitos.
 Por intermédio dos sold.^{os} impedidos no
 serviço da horta e do proprio impedido, as
 coisas não passando subtilmente do
 quartel p.^o casa dele.

E tem custado mu.^{to} a p.^o coluro ao
 abuso, tão bem examinado esta o contra
 bando.

12)

Assim também todos para ai sabem
 que quando o ten. cor.^{el} José Vicente da Sil
 va mandou demolir um forno que per
 tenceu á Manutenção Militar (creio que do
 tempo da guerra) para alargamento do
 depósito da lenha, os tijolos foram arruma
 dos cá fóra, em parede, á espera de desti
 no. Passado tempo, o Vicente da Silva re
 parou que os tijolos diminuiaem em quan
 tidade; vigiou, mandou espreitar... Sus
 si dois terços tinham ido, surrateram.^{te},
 p.^o casa do Fouseco que, nessa altura fazia
 uma obra qualquer.

Dizem que por esse motivo houve gros
 sa discussão entre os dois — mas não
 passou disso.

13)

Quando se substituíram as telhas an
 tijas de um dos telhados do quartel, estas

foram acumuladas á porta das armas, junto da parede da rua. Um dia o Fausseca dirigiu-se ao 1.º paypento Belvas que era então o olheiro e condutor das obras do quartel, para lhe vender algumas telhas para o telhado da sua casa. O Belvas respondeu que o quartel não vendia telhas mas se ele necessitasse de alguma coisa devia que levasse; o Estado não ficaria ligado com tal oferta. O Fausseca, munido com esta autorização, levou quasi todas as telhas... da grande quantidade que estava arrumada á parede, ficaram algumas dúzias p. marcar o lugar. O Belvas afirma que deveriam ter marcado cerca de 200 telhas.

14)

É ainda no genero subtracção, conta-se que houve no tempo do ten. coronel José Vicente da Silva um periodo em que a ração do gado diminuia mas reapedeu-
 ras a ponto dessa diminuição influir no aspecto do gado. O Vicente da Silva vigiou, pôr-se de atalaia: a ração ia para casa do Fausseca, não só para galinhas da residência em Leiria mas principalmente p. suínos que tem nas propriedades em Carvide. Houve tambem discussões entre os dois, mas tambem o caso não pas

sem de palmeado. Parece que não ha
quem tivesse animo para fazer levan-
tar a lebre.

15)

Contou-me o carpenteiro Belvas, em
dia de desabafo⁽¹⁾ que uma das razões por
que o Fonseca lhe tem má vontade é a
seguinte:

O Fonseca arranjou ha uns annos já
uma amante qualquer por sinal que, re-
zendo dizem, coisa reles. A esposa sou-
be-o e daí inquietações e zangas que
ia causando rompimento. O Fonse-
ca, como precaução, entregou ao Bel-
vas um pacote de cartas da mulher pa-
ra este as guardar no cofre da compra-
nhia pela qual respondia; e dum dia
que ele, Fonseca, foi em qualquer deligen-
cia por motivo de ordem publica, disse ao
pargento que se ele por lá viesse que
masse as cartas. Acrescentou o Belvas
que não as leu, mas que o Fonseca lhe fi-
zera cartas confidenciais.

Que autoridade moral tem este ma-
jor p.º de cunção?

(1) Quando fui ajud.º do P. J. 23, assentei pro-
p.º a este Franc.º Belvas; foi meu amonueuse
muito tempo, tive sempre confiança nel.º. In-
qui meu a liberd.º do desabafo.

16)

Ainda a-proposito da amante. O coronel Lacerda de Oliveira, antigo commandante de Inf.⁹ n.^o 7, contou-me por mais de uma vez que a esposa do Fonseca, durante o periodo das questões com o marido por causa da amante, ia desabafar com ele e queixar-se da má vida que levava, etc. etc. E nestes desabafos ella contava que elle, Fonseca, a obrigava, depois de questões violentas em casa, a sair com elle para a rua, de braço dado, e impunha-lhe um sorriso e ar alegre para que todos tivessem a impressão de boa harmonia e não acreditassem nos zuns-zuns da vizinhança. E como o coronel Lacerda lhe accoimasse peremid.^o e certa conformidade para não parecer que descia a equiparar-se com a amante, ella respondia, por entre lagrimas:

— Ah! sr. coronel! É que Ue.^o não calcula como meu marido é hipócrita!

17)

Contou-me F. . . .¹⁾ que, depois de ter sido preso ha anos por suspeito de conspirar contra a actual situação e regressar a Leiria por medo de morrer, fô-

¹⁾ Ainda é cedo p.^o escrever o nome.

na procurado pelo Fonseca que se fe-
chou com ele e lhe dissera:

— Você corre comigo! Eu estou ao
seu dispor para o que necessitar...

— Mas, sr. major (respondeu o ou-
tro) eu nada sei de conspirações... Esta
meinha prisão foi apenas um maldade.
Vim logo para a rua e com pedidos de
desculpas.

— Ora, ora! Isso diz você! Pois fi-
que sabendo que não gramo isto...⁽¹⁾ E
quando for ocasião, pricina-me.

Oficialmente, porém, o Fonseca é
sustentáculo da actual situação políti-
ca; e oficialmente, ou por outra, pelos
dirigentes locais, é acreditado como tal.

18)

Este mesmo F. disse-me, e
na mesma ocasião que o 1.º sargento F.
Belvas lhe contara que o Fonseca, certo
dia, também se alevira com ele, Belvas,
acerca da actual situação política e dum
possível revivalho; que o Belvas fupira
á conversação, mas o Fonseca deu-lhe a
entender que estava ao lado dele, pois is-
to passou-se mesmo altura de zuns-zuns
de revolta proxima.

⁽¹⁾ Isto era a situação política actual.

19)

Quando assumi o comando de pouco depois, organizava-se em Leiria a Legião Parbucuesa e disso foi encarregado o major de Artelli. Henrique Pereira do Vale. É claro que o Fonseca que aspirava a ser o commandante da Legião, dava sempre que podia injecções venenosas acerca daquele major e da Legião. Eu fazia que não ouvia e chepava, ás vezes, a defender a Legião...

Por inbrietas da terra a que o Fonseca não seria estranho, o Bissaia Barreto fez com que o Pereira do Vale fosse domado; e a verdade é que logo começou a costar que seria nomeado o Fonseca. As coisas, porém, levaram outra volta e daí a pouco costou que seria nomeado commandante distrital o capitão do 7, Maria Ramos Silva — um dos inimigos do Fonseca e dos maiores.

Caiu o Carmo e a Trindade!

Era bom, então, ouvi-lo. Não houve aquedota parca que não contasse, nem deixou de lançar sobre o capitão, todos os dotes e acusações! Despejou o cesto...

E quando o Ramos Silva começou a comandar a Legião e fez varios pedidos ao 8.º o regimento, o Fonseca procurava

sempre entrar, dificultar, confundir. E o caso chegou a, em Outubro do ano passado, quando eu estava de licença, o Fonseca, no correspond.º oficial, negar a excelencia ao Ramos Silva. Este respondeu e reclamou e o Fonseca ficou mal colocado.

O Ramos Silva atribue as dificuldades que sente no seu commando a manobras secretas promovidas por varios individuos da cidade — entre os quaes, é claro, o Fonseca e fundamenta esta sua afirmação nos serviços confidentiaes e secretos da Legião que assim tem averiguado.

2o)

Toda a gente, em Leiria, ao falar-se dele em liberd.º, tem sempre que contar qualquer coisa em seu desabono.

O major Alexandre Ferreira de Leiria, do regimento e candidato do Fonseca, contou-me que um dia, um padre de qualquer freguesia do concelho de Viseu a fazer-lhe queixas dele, como rancoroso, perseguidor, insubmisso, desleal e nada serio em contractos.

E para concluir o rosario de más qualidades, dissera, sendo a mão no ombro do major:

— Olhe, meu major: olhe que ele é filho de padre!...

21)

É realmente é publico e notorio que, se algum dia o Fonseca teve ou teve que lidar com qualquer creatura, esta fica debaixo de olho do sempre.

Os desgraçados da freg.^a de Vieira se lhe cáem em desgraça, ficam condemnados até á 2.^a geração — pois filho ou neto que venha para soldado de Inf.^a 7, tem honra á pena e a valer.

Eu tive dois casos desses; não tive a devida nota e estou arrependido.

Quando vim p.^a o regimento, andava ele a perseguir um enfermeiro-hipico (que dentro do pouco se reformou) porque lhe não quizera tratar um cão e uns porcos de graça. E por motivo idêntico perseguia sempre um sold.^o condutor que eu aguentei assim como ao ferriel ferreder, sem fazer caso das acusações. Mas o pior foi que, durante os meus estagios nas Escolas Praticas, qualquer deles aprehendeu: o soldado uns dias de detença e o ferriel uma repreensão.

Não conseguiram escapar á sanha do irupativo. Faltou-lhes a minha presença protectora.

22)

Eu fim, valerá a pena gastar mais tinta e mais tempo?

Contar a vida dessa creatura (de que aí fica um simples esboço) seria escrever de mais. Isto ficará como documentação para a historia do regimento em particular e do exercito em geral.

Talvez que já não tenha grande relação com o meu caso contar a maneira como tem adquirido propriedades nas arredores, por meios de enfrestimos in articulo mortis, com juros exorbitantes, de modo tal que o devedor tem de entregar os bens; ou ainda o modo como vende o vinho das suas terras, impedido - o aos retalhistas que, no momento, possuem necessitar dele: ou por filhos que vêm p.^o o exercito ou por dinheiro enfrestado ou por qualquer outra dependencia.

Etc. etc. etc.

E p.^o acabar estes capitulos: não importa tanto a pessoa de que se trata; o principal é o que resalta de baixo, de mais, de immoral...

Os honraes morrem. Os costumes, os habitos e' que ficam — e a historia os julgara um dia se deitar p.^o estas paginas os olhos complacentes.

*

Isso tudo é doloroso. Mas tem de se dizer. Adeante, pois.

Assim, o meu commando foi seguindo, sem grandes atrilões mas também sem luthos. Foi o que se pode chamar um commando apapado, sem nada de notavel.

Abalei com os varios processos de se arraijar dinheiros que, embora fiscalizados honestamente, são, normalmente, imorais e prestam-se a commentarios. É claro que tive logo o fauseca contra mim:

— Oh meu commando! Assim ficamos sem dinheiro!

— Deixe ficar.

E lá fui andando, a pensar em obras urgentes, certos arranjos e melhoramentos, sempre á esfera de melhoraria de verbas — que nunca vieram. Quer dizer: vivi sempre, como commando^{to}, na miseraria, e só consegui quasi nada do muito que projectei e desejei fazer. Pelo quadro adeante se vê o que pensei e projectei e o que cumpri — mas tudo miseravelmente, feito com ripares quasi exagerados de administração.

De mais, o Julio Garcer de Leucaste, meu 2.º commandante, não se reláua...

placido a postos altos no Ultramar e a ver correr o dinheiro abundantemente, e com a rômba que todos lhe conhecem, ia deixando passar o tempo até ao fim do ano de consumo de que necessitava.

Foi, como se vê pelo quadro abaixo, de fraco activo em obras a m.^a passasse pelo regimento de Infant.^a n.^o 7:

Ideia ou projecto:			Realizações:	
Ano	Mês		Ano	Mês
36	Dezembro	Colocação exterior do quartel	38	Julho
"		Pintura dos capacetes		
"		" das marmotas		
"		Livros novos p. ^a a biblioteca		
37	Janeiro	Concerto da escada da paradeira		
"		p. ^a as pentinas	37	Abril
"		Tanque tubedeiro p. ^a o gado	"	Fev. ^o
"		Posto anti-sifilítico (1)	"	Nov. ^o
"		Lavatório p. ^a o quarto do sarg. ^{to}		
"		de dia		
"		Belhado do depósito de ferragens		
"	Arraio da sala dos oficiais	37	Abril	
"	Fevereiro	Cavalete p. ^a arceiros na cavalaria n. ^o 1		
			38	Maior

(1) Feito pelas Obras Militares

Ideia ou projecto			Realizações	
Ano	Mês		Ano	Mês
37	Fev.	Caixação interior do quartel.	37	Abril
"		Pintura das viaturas do serviço.		
"		Ventilação da cavalaria n.º 2	37	Março
"	Março	" das casernas		
"		Portas envidraçadas das casernas do 2.º pavimento.		
"		Bebedouros p.º os soldados		
"	Abril	Vidros nos capela-mór da Igreja		
"	Junho	Oficina nova de ferradão		
"	Agosto	Fogão novo p.º o rancho geral		
"		Fatos <u>suacaco</u> p.º tratadores		
"	Set.	Vidraças su armario p.º o mapa de Portugal em relevo		
"	Nov.	Arraio e pintura da carroça p.º a água	38	Fev.
"	Dez.	Pintura dos armeiros das casernas		
38	Fev.	Novos armeiros nas casernas		
"		Coelheira e galinheiro		
"	Julho	Lavandeiro de roupa p.º soldados		

Com materia de disciplina não direi o mesmo porque a manobras seu novidade e, creio eu, com resultado. O processo não seria o melhor, seguindo os câ-

nomes normais, mas lá foi, até ao fim, sem nada de grave.

Tinha o maior cuidado com os correcionais vindos do depósito de Elvas. Chamava-os, á chegada, ao meu gabinete, falava-lhes amigavelmente, aconselhava-os, tratava-os como homens e não como feras ou brutos. Eles sentiam-se amparados e a verd.^a é que nenhum deixou de cumprir os deveres e chegaram ao final do tempo sem novidade.

Durante a m.^a ausencia nos estagios houve umas insubordinações. Não sei as razões que, provavelmente se filiarão no procedimento autoritário do Fausseca então 2.^o command.^{te} Mas o auto levantado e suas consequencias foram, de certo, exageros deste p.^a alegar serviços e procurar demonstrar o seu desembaraço em casos desses.

Pelos quadros adiante se vê a estatística das punições applicadas durante o meu tempo de commando. Usei mais da guarda como castigo porque, sendo mais leve em face do Regulamento disciplinar, é mais pesado nos seus efeitos, principalmente durante o inverno.

Porfim, aí ficam esses quadros. Pelo menos mostram paciencia...

Data	Posto	Causas da internação	Referentes		Guardas	Detenções	Perda de reuim.	Prisão disciplinar	Faltas maiores	Transgressões
			Faxinas							
937 Abril 8	a. recruta	Tramfrente	3		35	2		10	Ilau	
" " 10	velado	Aldeiaça (2)			2			?		
" " 19	"	Tomar						2	Amarecia	
" " 24	"	Garçosa (1)			1			2	Reobediencia	
" " 28	"	Aldeiaça (1)						5	Amarecia	
" Maio 5	a. recruta	Aldeiaça (Alj. 5)		4					Falta aformatua	
" " 11	velado	Batalha			2				" "	
" " 12	"	Garçosa (1)			8				Amarecia	
" " 14	"	Garçosa							Ilau a faldada	
" " 15	1 ^o cala	Castelo - Branco	1						?	
" " "	a. recruta	Mainha Grande		1					Reobediencia	
" " "	velado	Garçosa (1)							Amarecia	
" " "	a. recruta	Pombal							Paulo	
" Junho 12	velado	Barrilha (Alj. 14)			5				Reobediencia e Faltas	

Data		Posto	Cancelho de naturaliz.?	Regressões	Faltas	Guarnições	Detalhes	Pena de suspensão	Pena de prisão	Dias de licença	Dias de ausência	Transgressões
dia	mes											
937	Junho	16	Transporte	4	5	53	2		28	10		Falta a formatura
"	"	29	Alcobaca (2)			2				15		educação.
"	"	30	Charneca (1)	1								Pouco cuid. com o gado
"	Julho	3	Leiria (Cintas)	1		8						Falta de respeito
"	"	5	Figueiró dos V.ºs (3)	1								" a formaturas
"	"	12	Alcobaca						2			Furto
"	"	22	Leiria (Colmeias)									Falta de respeito
"	agosto	9	Figueiró dos V.ºs (3)	1		2						" a formaturas
"	"	"	Leiria (Barrosa)	1								" de respeito
"	"	"	Portinha	1								" a formaturas
"	"	"	Cadaval			4						" "
"	"	26	Coruche	1								" "
"	Seto	14	Alcobaca (Cala)							12		Faltas e roubos.
"	"	18	Perniche (Altauguis) (4)			8						" a formaturas
"	"	24	Alcobaca (5)		off. carnet.	4						Desobediência.

ano	data		Ponto	Causa	Regressão	Faxinas	Guardas	Detenções	Perda de cimento	Prisões disciplinares	Idem aproveitados	Transgressões
	dia	mes										
937	Seto	30	osblab	Sanaforte	9	5	81	2		30	37	Falta a aula Faltas
"	"	"	"	Parricla (Altaingua) (4)			2					Faltas
"	Outo	5	"	Parricla (Parangua) (3)			3					Faltas a farmacia
"	"	7	"	Parricla (Altaingua) (4)	1		3					"
"	Jan.	4	"	Alcobaça				10				Desobediencia
938	Fev.	2	"	Alcobaça				12				Informação falsa
"	"	"	"	"								Desobediencia
"	"	9	"	" (5)						6		"
"	"	17	1.º sala mus.	Alcobaça das lar	1							Falta de respeito
"	"	18	osblab	Alcobaça			5					" a farmacia
"	"	"	"	Rx. (frag. Anjos)			6					Desobediencia
"	Mai	13	"	Alcobaça (Cala)	1							Parece rigida
"	"	18	a. de multa	Parricla (M. R. Real)	1							Falta a farmacia
"	"	"	"	" (Milagros)	1							"

Data	Posto		Conselho de maturidade	Regressões	Faxinas	Bandas	Bateria	Renda de municim.	Primo de câmara	Deem agm.	Transgressões
	1.º	2.º									
938	Mais	18	Gransfartê	14	5	100	24		39	37.	Falta a formatura
"	"	"	Alcolhaça	1							" "
"	"	"	Parto de Mós	1							" "
"	"	"	" "	1							" "
"	Junho	4	Pombal				4				Falta cumprir ^{to} ordeno
"	"	7	Leiria (Milagres)			4					Desobediência.
"	"	11	Aveiro				5				Falta de respeito
"	"	14	1.º carp. mus. soldado						2		Falsificação
"	"	21	1.º Franca de Xina			4					Falta a formatura
"	"	"	Batalha (Requempo)			1					" "
"	"	"	" "			1					" "
"	"	"	Leiria (Milagres)			1					Reato
"	Julho	18	Ducem (Fatima)						5		Desobediência.
"	"	29	Parto de Mós			3					Infamação falsa.
"	"	"	Leiria (Amãr)			2					

Data	Dia	Posto	Comunidade de Matrícula	Referências							Comunicações
				Refreios	Faxinas	Guardas	Devoções	Partida de reu. cim. 1º	Prisões disciplinares	Idem agr. vado.	
1938	Agosto	1	Arfado	18	5	145	33	46	37		
"	"	9	Arfado		4						Associação
"	"	"	Arfado			2					Abandono do serviço
"	"	11	Arfado	1							"
				19	9	117	33	46	37		"

Notas explicativas:

Os números entre parênteses 9. aparecem na soma « Conselho de Matr. » e referem-se a guarnições. A guarnição foi formada pelo número pedido; assim o nº. (1) guarnição 9. o nº. 1º, de Formosa, guarnição em 20 de Março de 1937. Por ausência é o número guarnição em 19 de Abril, em 21 de Março de 1937, em 12 e 22 de Maio e ainda em 29 de Junho sempre pelo número no livro. E o número 9. os outros números entre parênteses.

Leiria.

Agosto: 23

E agora, p.^o descansar um pouco do estor-
dal de reuniões q. aí ficou, vamos a um
intervalo comico...

O coronel Augusto Brinca Xavier de Aze-
vedo Salgado, command.^{te} do Inf.^o n.^o 2, de Alva-
tes, veio aqui fazer uma audiência a res-
peito de certas acusações feitas em carta anó-
nima ao cor.^{el} José Pereira das Neves, que
actualmente commanda o Art.^o n.^o 4.

Da eis o meu depoimento:

«... disse que, como command.^{te} mili-
tar foi assistir a uma reunião de autori-
dades e representantes das forças vivas da ci-
dade convocada pelo sr. presid.^{te} da Câmara
na sede da Comissão de Turismo. Nessa ses-
são em que se tratou apenas de apreciar
um relatório apresentado por uma comissão
encarregada de elaborar um programma de
festas da cidade, realmente o sr. coronel da-
masceno pediu a palavra e fez varias con-
siderações sobre o relatório e contou o que
vira no estrangeiro em varios centros des-
portivos ou simplesmente de divertimentos,
o que, embora podesse despertar algum in-
teresse, não tinha, de facto, a proposito do as-
sunto que se discutia; é esta a impressão q.

tem pois já passou algum tempo que não
 pode precisar quanto; contudo ficou com a
 ideia de que acerca da construção de uma pra-
 ça o sr. coronel quereria dizer que com
 100 homens ela facilmente se construiria
 e, não para entender, seria uma das obras
 por onde se deveria começar p.^o melhora-
 mento da cidade. Em resumo e tanto quan-
 to a sua memoria lhe permittê reproduzir,
 a fala do sr. cor.^o Damasceno foi muito fóra
 do propósito o que deu áz a comentários q.
 lhe foram desfavoráveis. E sendo couvid.^o
 a produzir quaisquer declarações p.^o julgue
 por convenientes, acerca da conduta do sr.
 cor.^o Damasceno nesta guarnição, deve dizer
 que as suas relações com elle tem sido
 sempre, desde o começo, o mais corteses e
 affectuosas possível e que, da parte do sr. co-
 ronel Damasceno, quer em serviços quer
 particularmente, só recebeu atenções; e
 como, pelo sua maneira de viver na loca-
 lidade não usa frequentar pontos de reuniões
 e de conversas, desconhece accusações que
 lhe possam ter sido feitas, com excepção de
 relativas a um concerto em q.^o elle tomou par-
 te, integrado numa flora de arte organiza-
 da pelo reitor do Liceu de Leiria com pes-
 soas de categoria social, concerto em que,
 por necessid.^{de} da composição da orquestra,

foram convidados alguns músicos da banda regimental que se apresentaram em traje civil de cerimonia; nota ainda, porém, que o espectáculo não era publico porque a entrada era vigiada pelos alunos do Liceu e só se pagava a marcação do lugar como preço de auxilio á Caixa Escolar do mesmo. E mais não disse, etc. etc. »

Este depoimento vem « fls. 25, 25.º e 26 do auto.

Leiria

Agosto: 24

Hoje, dia em que o Diabo anda ás soltas, continuemos com as lembranças do meu commando regimental. Isto custa-me um bocado, mas tem de ser.

Vou relembra-los casos, um pouco por alto, por falta de apontamentos tomados na devida altura. Não sempre o tempo e a disposição de espirito consentiam.

Entre tudo o que me lembrava agora, o prescripto que procurei dar ao commando. E neste sentido creio que conseguí alguma coisa, dentro do critério de que o regimento não se commanda só dentro das paredes do edificio, mas vive tambem do bom ou mau conceito que dele, cá fóra,

se pôde fazer. E isso não é coisa tão indifferente como se pensa.

Uma das recommendações que o general Lacerda Machado me fez, como deixei dito, era a da instrução dos officiaes do regim.^{to} considerada muito baixa. Procurei dar-lhe orientação e era eu que a dirigia directamente, com incentivos de varia especie e esfuços de toda a ordem. Eu dei o exemplo sempre, não me poupando; os ciclos de conferencias era eu quem os abria e olhava, suavemente, os outros a imitarem-me.

Assim, suavemente, sem atritos, com regui que os homens estudassem e a verdade é que na prim.^a inspecção do meu comando o inspector encontrou differença para melhor; e na ultima que, no meu tempo, o general Caetano passou á unidade, ficou satisfeito e disse-me que eu, realmente, transformára o regimento. E dessa transformação veio um laudo transmitido pelo Quartel-general não só ao regimento como a 3 officiaes.

Na ultima inspecção passada pelo brigadeiro Arnaldo de Melo, este disse-me que não esperasse pela aprovação da direcção da arma de Infantaria aos projectos de exercicios que se deveriam realizar com

Tropas, quer as do regimento quer em conjunto com Artelharia; porque, explicava, com a acumulação de serviços, resolveram deixar f.º o fim os projectos que de autê-mão sabiam que eram aprovados e os meus estavam sempre classificados neste grupo; e assim se evitava demoras e alterações dos hierarios ~~estados~~ já superiormente julgados em condições de execução. Isto, acrescentava, era prova de confiança de direcção da arma nas m.ªs propostas para exercícios, sempre consideradas boas.

Etc. etc. Fiz sempre o que podia e, ás vezes, o que não podia.

Quanto a conferencias, deixo aqui nota das que fiz perante os officiaes e sargentos do regimento e, muitas vezes, com a assistencia de officiaes de Artelharia e do Distrito de recrutamento que voluntariamente compareciam á hora:

- 1) Basal Novo. Retirada de Masrua.
Em 12 de Junho de 1937.
- 2) Aljubarrota. Em 14 de Agosto de 1937.
- 3) Valverde. Em 2 de Outubro de 1937.
- 4) Pocroi e Mondijo. Estudo comparativo.
Em 4 de Dezembro de 1937.
- 5) A prox.ª comemoração centenaria da Independencia e o valor dos chefes mi-

litas na guerra da Restauração, em 23 de julho de 1838.

Estas conferencias ou melhor: estas palestras, eram sempre illustradas com graficos comparativos e percels que deixavam certa impressao no auditorio. E não digo isto por basofia mas simplesmente porque o regimento nunca viu qualquer commando^{to} fazer conferencias desta ordem nem coisa parecida.

Não menciono as palestras de caracter tecnico que iam sendo feitas ao sabor do auxilio^{to} da instrucção e não tinham qualquer aspecto soleme.

E, refiro: etc. etc. — para não gastar demasiado papel.

Quanto ás relações com o regimento de Artilharia (outra recommendação do general Lacerda Machado) foram sensivelmente melhoradas. E deve dizer-se que se não ficaram cordeais, isso deve-se mais aos artilheiros que aos infantés. Aqueles, imbuídos em preconceitos de casta e levados por sentimentos de ordem politica, não se aproximam como seria para desejar; e os infantés, em grande parte officiaes saídos da classe de sargentos, mantêm-se desconfiados e, os que o